

UNIVERSIDADE POTIGUAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO

LILLIANE SILVA CAVALCANTI ATAIDE

**DEPENDÊNCIA DO USO DE TECNOLOGIA: UM ESTUDO DA
NOMOFOBIA NA ATIVIDADE LABORAL DE GESTORES DE
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**

NATAL
2020

LILLIANE SILVA CAVALCANTI ATAIDE

**DEPENDÊNCIA DO USO DE TECNOLOGIA: UM ESTUDO DA
NOMOFOBIA NA ATIVIDADE LABORAL DE GESTORES DE
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Administração da Universidade Potiguar, para defesa, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração.

Área de Concentração: Estratégias e Organizações.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laís Karla da Silva Barreto

NATAL
2020

FICHA CATALOGRÁFICA

LILLIANE SILVA CAVALCANTI ATAIDE

**DEPENDÊNCIA DO USO DE TECNOLOGIA: UM ESTUDO DA NOMOFOBIA NA
ATIVIDADE LABORAL DE GESTORES DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO
SUPERIOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Administração da Universidade Potiguar, para defesa, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração.

Área de Concentração: Estratégias e Organizações.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laís Karla da Silva Barreto.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Laís Karla da Silva Barreto
Orientadora Universidade Potiguar – UnP

Prof. Dr. Walid Abbas El-Aouar
Examinador Interno Universidade Potiguar – UnP

Prof. Dr. Américo Piêrangeli Costa
Examinador Externo Universidade de Brasília – UnB

NATAL
2020

DEDICATÓRIA

Ao meu pai (*in memoriam*), a minha mãe, aos meus irmãos, ao meu esposo, e as minhas sobrinhas que estiveram, estão e estarão comigo durante toda essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Chegou uma etapa muito importante da minha vida acadêmica: finalização do Mestrado Acadêmico. O agradecimento será extensivo a todos que me ajudaram direta e indiretamente durante a caminhada que não foi fácil, mas que hoje se torna concreta. Portanto, em primeiro lugar agradeço Deus, por permitir esta oportunidade tão valiosa.

Aos meus pais, amores da minha vida, o Sr José William Cavalcanti (*in memoriam*) e a Sra Maria Goreth Silva Cavalcanti; pelos ensinamentos da vida, compreensão e por conduzir-me sempre no caminho da educação.

Ao meu esposo, José Olavo Ataide Neto; por incentivar e apoiar-me desde o início, quando o receio de não dar conta do Mestrado estava na minha memória. Por compartilhar momentos bons e alguns bem difíceis, demonstrando compreensão durante as madrugadas e domingos de estudo. Te amo!

Aos meus irmãos, Williane, Werverson e Lidiane, por serem verdadeiros amigos. Que sempre se dispuseram a ouvir meus áudios longos dizendo que estava difícil, que não conseguia dormir ainda, pois estava estudando e que tinha receio de não alcançar meu objetivo. Entretanto, sempre procuraram me apoiar, tranquilizar e prosseguir na Dissertação. Foram uns dos primeiros, a saber, que faria a seleção e apoiaram-me na escolha do curso. Hoje, vejo que fiz a escolha certa. Muito obrigada, irmãos! Amo vocês.

Minhas sobrinhas, Lorena, Ane Caroline e Lavínia, pelo amor, carinho e compreensão nas minhas ausências nas brincadeiras porque tinha que estudar. Titia ama demais!

A orientadora, Profa. Dra. Laís Karla, empatia, responsabilidade e carinho desde a orientação para o projeto ser aprovado na seleção, até a etapa final. Deus não podia ter reservado outra professora para me dar uma luz desde o início até o fim. Nos momentos difíceis que passei; seu apoio e compreensão acalmaram meu coração e me estimularam a seguir em frente. Obrigada!

As instituições investigadas, por conceder a permissão para a realização da pesquisa.

Aos coordenadores de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*, pela receptividade e colaboração no fornecimento das informações.

A Universidade Potiguar, na qual faço parte como docente e discente, pelo apoio ofertado através de uma bolsa integral para que eu realizasse esse tão sonhado Mestrado.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Administração da UnP pelos valiosos ensinamentos, em especial à Profa. Dra. Laís Karla, Prof. Dr. Manoel Neto, Prof. Dr. Walid Abbas, Profa Dra. Luciana Gondim e Profa. Dra. Alda Karoline.

Aos meus amigos, visto como a melhor turma que o Mestrado Acadêmico já teve. Por demonstrarem, além do companheirismo, a oportunidade de desfrutar amizades verdadeiras.

E, por fim, a todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta pesquisa. Obrigada!

RESUMO

Diante do avanço tecnológico, torna-se necessário compreender melhor o contexto que perpassa por esta dependência que os dispositivos móveis causam. Considerando-se as análises dos estudiosos sobre o tema e pesquisando os profissionais que trabalham com a tecnologia, visando verificar o uso consciente no âmbito educacional. O objetivo desta pesquisa é descrever a dependência do uso de dispositivos móveis na atividade laboral, a partir da percepção de gestores que são coordenadores de curso em instituições de ensino superior em Natal-RN e João Pessoa-PB, no Brasil. Em relação à metodologia, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa de finalidade descritiva. A estratégia de pesquisa utilizada foi o estudo de caso exploratório. Os dados foram coletados por meio de roteiro de entrevista semiestruturada com a participação de 15 coordenadores de Pós-Graduação *Lato Sensu*. Os dados obtidos foram tratados e interpretados por meio da análise de conteúdo ancorados na visão de Bardin (2011). Os resultados da pesquisa revelam características da nomofobia que estão presentes parcialmente entre os entrevistados. Quando questionados se sentem medo de ficar sem o celular ou dispositivo móvel, as respostas foram divididas em metade que sim e a outra metade que não. Em relação à quantidade de horas por dia, que o entrevistado usa o celular para informações de trabalho; 10 participantes destacaram que ficam de 12h até mais de 14h. O estudo atingiu o objetivo proposto, uma vez que foi possível compreender a percepção dos gestores a respeito da dependência do uso da tecnologia de duas instituições de ensino superior de capitais do nordeste brasileiro Natal e João Pessoa em uma pesquisa qualitativa. Vale ressaltar que a pesquisa aconteceu em uma fase de isolamento social, em virtude da pandemia decorrente da Covid-19.

Palavras-chave: Nomofobia. Dispositivos Móveis. Gestores.

ABSTRACT

In view of technological advances, it becomes necessary to better understand the context that permeates this dependence that mobile devices cause, considering the analysis of scholars on the subject and researching professionals working with technology, in order to verify the conscious use in the educational field. The objective of this research is to describe the influence of nomophobia, from the perception of managers who are course coordinators in higher education institutions in Natal / RN and João Pessoa / PB, in Brazil. Regarding the methodology, it is a study with a qualitative approach, with a descriptive purpose. The research strategy used was the case study. Data were collected using a semi-structured interview script, with the participation of 15 lato sensu graduate coordinators. The data obtained were treated and interpreted through content analysis anchored in the view of Bardin (2011). The survey results reveal characteristics of nomophobia that are partially present among respondents. When asked if they feel afraid of being without a cell phone or mobile device, the answers were divided into 50% yes and 50% no. Regarding the number of hours per day, which the interviewee uses the cell phone for work information, 75% are from 12 pm to above 2 pm. The study reached the general objective proposed, since it was possible to understand the perception of managers regarding the dependence on the use of technology from two higher education institutions in capitals in the northeast of Brazil Natal and João Pessoa in a qualitative research. It is worth mentioning that the research took place in a phase of social isolation, due to the pandemic resulting from the Covid-19.

Keywords: Nomophobia. Mobile. Devices. Managers.

LISTA DE SIGLAS

A.C - Antes de Cristo
ARPA - Advanced Research Projects Agency
ASPEC - Sociedade Paraibana de Educação e Cultura LTDA
AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem
CSC - Centro de Serviços de Carreira
CC - Computador Coletivo
CCM - Computadores Coletivos Móveis
DOU - Diário Oficial da União
DVD - Digital Versatile Disc
EaD - Educação a Distância
EUA - Estados Unidos da América
GPS - Global Positioning System
IES - Instituição de Ensino Superior
IPTO - Information Processing Techniques Office
LABPR - Laboratório de Pânico e Respiração
LDB - Lei de Diretrizes e Bases para a Educação
MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
MIT - Massachusetts Institute of Technology
MP3 - MPEG Layer 3
NEaD - Núcleo de Educação a Distância
PB - Paraíba
PC - Personal Computer
PDAs - Personal Digital Assistants
RN - Rio Grande do Norte
SEMPE - Secretaria Especial da Micro e Pequena Empresa
SESU - Secretaria de Educação Superior
SMS - Short Message Service
SOPESP - Sociedade Paraibana de Ensino Superior e Pesquisa
VOIP - Voice Over Internet Protocol
WAP- Wireless Access Protocol
Wi-Fi - Wireless Fidelity

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Estrutura da dissertação.....	20
Quadro 2 - Objetivos específicos, questões do instrumento, referencial teórico.....	43
Quadro 3 - Cargo, área de formação e tempo de atuação na instituição	49
Quadro 4 - Descrição exata de cada área.....	51
Quadro 5 - Principais achados de campo com enfoque no uso de dispositivos móveis.	59

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
1.1	Contextualização	11
1.2	Problema e questão de pesquisa.....	17
1.3	Objetivos	18
1.3.1	Geral	18
1.3.2	Específicos	18
1.4	Justificativa.....	18
1.5	Estrutura da dissertação ..	19
2.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2.1	Aparelhos eletrônicos móveis com internet.....	21
2.2	Dispositivos móveis com internet e seus efeitos no cotidiano	26
2.3	Dependência provocada pelos dispositivos móveis nos usuários	32
2.4	Nomofobia.....	35
3.	PERCURSO METODOLÓGICO	38
3.1	Tipo de pesquisa	38
3.2	Participantes da pesquisa	39
3.3	Procedimentos e instrumento de coleta de dados.....	40
3.4	Tratamento e análise dos dados.....	42
4.	RESULTADOS.....	45
4.1	Caracterização da instituição A	45
4.2	Caracterização da instituição B	47
4.3	Perfil dos entrevistados.....	48
4.4	Perfil sociodemográfico	50
4.5	Uso de dispositivos móveis no trabalho.....	51
4.6	Influência do uso.....	54
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	REFERÊNCIAS.....	64
	APÊNDICES	69

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

Na contemporaneidade, a chegada dos *smartphones*¹ e das redes sociais demonstrou a importância da tecnologia e do conceito de conexão como forma de tradução da ideia de pertencimento do homem contemporâneo. Essa nova ordem representada pela crescente importância do acesso à informação e pela possibilidade de estar conectado está alterando, de forma significativa, as dinâmicas sociais, e com isso permitindo novas maneiras tanto de colaboração quanto interação (LYYTINEN; YOO, 2002).

Janverpaa e Lang (2005) identificaram impactos positivos e negativos da tecnologia móvel que crescem de acordo com as novas versões surgidas no mercado. Apesar da tecnologia móvel ter aumentado a possibilidade de conveniência, flexibilidade, conectividade e novas formas de escolha, também gerou uma série de situações não previstas e conflitantes.

Para Dorado e Solarte (2016), as emoções não podem ser segregadas do segmento corporativo porque é inviável separar dos trabalhadores, porém, certas emoções podem ser disfuncionais para o ambiente organizacional, prejudicando o desempenho de indivíduos, como é o caso do medo. A partir disso, é importante compreender as dinâmicas do comportamento humano nas organizações, no que se refere às emoções, em especial o medo, que aparece com grande frequência no ambiente de trabalho.

Segundo Bauman (2008), o medo é o nome dado à incerteza, do que pode e que não pode fazer para enfrentá-la. O medo pode ser considerado mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivos claros. Quando se fala em medo e se faz relação com os avanços tecnológicos, percebe-se que existe essa relação de medo em não acompanhar este avanço.

Contudo, para King et al. (2014), nomofobia significa o medo moderno de ser incapaz de se comunicar através do *smartphone* ou da internet. Nomofobia é, portanto, classificada como a angústia ou medo do indivíduo ficar impossibilitado de

¹Celular que combina recursos de computadores pessoais, com funcionalidades avançadas que podem ser estendidas por meio de programas aplicativos executados pelo sistema operacional.

se comunicar pelas novas tecnologias *mobiles*², ou seja, a fobia de estar sem o telefone celular, computador e/ou internet.

Nessa perspectiva, Correia e Yildirim (2015, p.136) definem o termo como sendo “a fobia de não conseguir utilizar um aparelho ou um telefone móvel e/ou os serviços oferecidos”. Impossibilitando-o de se comunicar, perdendo a conexão que os smartphones proporcionam sem acesso às informações e a conveniência que estes aparelhos trazem.

Promover um envolvimento dos profissionais no cenário da tecnologia com smartphone ou tablet é uma solução conveniente para otimizar os processos nas empresas e torná-las mais inovadoras. No entanto, essa relação pode se aproximar de uma dependência em função do tempo de permanência do profissional diante das telas. Esse “tempo de tela” está criando novos problemas de saúde mental e comportamentais em adultos.

Segundo Cardoso, King e Nardi (2014), quanto às tecnologias, a dependência “normal” é aquela que nos permite tirar proveito das inovações tecnológicas no trabalho, vida pessoal, relacionamentos, entre outros. Mesmo que o uso da tecnologia seja diário e por muitas horas, não configura dependência patológica.

Para Abreu e Young (2011), as doenças que estão associadas a esses transtornos, são doenças psiquiátricas, como depressão, transtorno de déficit de atenção-TDAH e transtorno bipolar. Problemas sociais também podem ser pontuados, tais como: solidão, isolamento e estilo de vida nos grandes centros urbanos.

Cardoso, King e Nardi (2014), destacam que na contemporaneidade não se costuma usar o termo “viciado”. Mas, sobretudo dependente patológico para se referir as pessoas que apresentam comportamentos abusivos relacionados a substâncias ou objetos. Além de estudos técnicos, revistas comerciais também estão abordando o tema em função de sua abrangência.

Tal fato serve de alerta para a sociedade, mostrando a cada dia o surgimento de novos contextos como o da “adicação”. Expressão abordada em revistas que situam o termo para descrever o crescente número de crianças que participam de diferentes atividades de tela, de maneira mais problemática. Quando há convivência com esses indivíduos, os sintomas podem apresentar-se em decorrência do tempo.

²Que se move; móvel, móbil

Os sintomas são vistos como preocupação, dentre os quais podemos destacar aqueles relacionados a sintomas de abstinência, não redução ou interrupção das atividades da tela. Assim como; perda de interesses externos, continuação apesar das consequências negativas, mentira sobre a extensão do uso como forma de escapar do clima adverso.

Para Castells (2009), o que permitiu à internet abarcar o mundo todo foi o desenvolvimento do “www”. A chamada aplicação de compartilhamento de informação desenvolvida durante 1990 por um programa do inglês, Tim Berners-Lee, que trabalhava no CERN, Laboratório Europeu para a Física de Partículas baseado em Genebra.

Embora o próprio criador do programa não se atentasse para a dimensão do trabalho por ele elaborado, seguia-se uma longa tradição de ideias e projetos técnicos que, meio século antes, buscava possibilidades para associar fontes de informações através da computação interativa. Para Castells (2009), Douglas Engelbart projetou seu On-Line System, trabalhando a partir do próprio Augmentation Research Center na área da Baía de São Francisco, onde a primeira exposição aconteceu em 1968. Enquanto que o pensador revolucionário, Ted Nelson, já visava um hipertexto de informação interligada em seu manifesto de 1963, Computer Lib, trabalhando na criação de um sistema utópico.

A cibercultura³ é o advento da cultura a partir de uso de rede de suportes tecnológicos. A obra de Levy (2010), que trata sobre essa cultura, consiste inicialmente em reconhecer o crescimento do ciberespaço como um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicações diferentes daquelas que a mídia clássica nos propõe. Como também, presenciar a abertura de um novo espaço de comunicação. Cabendo a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano.

De acordo com Lemos (2005), o desenvolvimento da cibercultura começou a apontar com o surgimento da microinformática nos anos 70, com a convergência tecnológica e o estabelecimento do Personal Computer-PC. Seguindo para os anos 80-90, passou a observar a comunidade da internet e a transformação do PC em um

³Forma sociocultural que advém de uma relação de troca entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônicas surgidas na década de 70, graças à convergência das telecomunicações com a informática.

“computador coletivo”, conectado ao ciberespaço, a substituição do PC pelo CC, em que a rede é o computador e o computador uma máquina de conexão. Com o desenvolvimento da computação móvel e das novas tecnologias nômades (laptops e celulares), o que está em marcha é a fase senciente, levando a mobilidade mais constante na própria era da conexão que não se resume na era da expansão dos contatos sobre forma de relação telemática, caracterizando assim, a primeira fase da internet, a dos Computadores Coletivos-CC; denominados atualmente como Computadores Coletivos Móveis-CCM.

Dessa forma, Levy (2010) não afirma que tudo que é feito com as redes digitais seria bom ou seria para o bem. O autor faz até uma alusão que isso significaria tão absurdo quanto supor que todos os filmes fossem excelentes. A atenção que sempre foi dada para essa cultura é que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Compreendê-la, não é ser contra ou a favor, mas reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos; ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural.

Lemos (2005) destaca que as formas de conexão entre homens-homens, máquinas-homens e máquinas-máquinas são motivadas pelo nomadismo tecnológico da cultura contemporânea e pelo 3G e *Wi-Fi* da computação senciente (*RFID5* e *bluetooth*) e da computação pervasiva (onipresença da informática). Além da continuação natural de processos de emissão generalizada e de trabalho cooperativos da primeira fase dos CC (*blogs, fóruns, chats, software livres, peer to peer, etc*).

Nesta perspectiva, Levy (2010) completa que se forem explicar o desenvolvimento de novas formas de comunicação transversais, interativas e cooperativas, a resposta estará no discurso sobre os ganhos de Bil Gates; presidente da *Microsoft*. Os serviços online serão pagos e restritos aos que tem um poder aquisitivo elevado, onde o aumento do ciberespaço servirá apenas para elevar ainda mais a disparidade entre favorecidos e excluídos. Assim como os países do norte e as regiões pobres; nas quais a maioria dos habitantes nem mesmo tem telefone.

Para Lemos (2004), as tecnologias digitais e as novas formas de conexão sem fio, constroem usos flexíveis do espaço urbano, como acesso nômade à internet. A conectividade permanente com os telefones celulares (*smartphones*), equipamentos que passam informações aos diversos dispositivos, etiquetas de rádio frequência que permitem o “*tracking*” de objetos e aparelhos com *bluetooth* que criam redes locais.

Na concepção de Levy (2010), o telefone foi e continuou sendo um ganho para as companhias de telecomunicação, o que não impede que as redes de telefonia permitam comunicação planetária e interativa. Mesmo que um quarto da humanidade tivesse acesso ao telefone, isso não constituiria um argumento contra o aparelho de telefone. Não existe explicação para a exploração econômica da internet ou o fato de que nem todos que tinham o acesso a ela constituiriam por si mesmos, a condenação da cibercultura.

Segundo Castells (2009), o mercado de capital volátil contribui para esse sentimento ambivalente em relação à internet. Houve um tempo, em que independente da empresa, esta era relacionada com a internet pelo mercado com avaliações altas, independente de seu desempenho. Em meados de 2001, a maior parte das sanções de empresas de tecnologia foi penalizada pelos investidores, novamente sem que houvesse restrição entre administração e perspectivas comerciais. Os mercados financeiros que foram surgindo tornaram-se mais influenciados pela psicologia das massas e por agitação da informação que por uma avaliação judiciosa das condições relativamente recentes, sob as quais as empresas operam. O efeito disso é que estamos entrando na galáxia da internet, ato da velocidade, num estado de perplexidade informada.

Levy (2010) afirma que é preciso observar que os serviços gratuitos proliferam mais rápidos e esses serviços gratuitos vêm das universidades, órgãos públicos, associações sem fins lucrativos, indivíduos, grupos de interesse diversos e próprias empresas. De tal modo, não se faz necessário opor o comércio de um lado e a dinâmica libertária e comunitária que comandou o crescimento da internet de outro, pois se complementam.

Castells (2009) afirma que companhias, instituições, pessoas e sociedade como um todo são agentes de transformação da tecnologia, seja ela qual for, com o poder declarado de apropriá-la, modificá-la e experimentá-la. A história social da tecnologia ensina e isso é ainda mais verdadeiro no caso da internet; tecnologia da comunicação. A linguagem faz a especificidade biológica da espécie humana. A rotina é baseada na comunicação, com isso, a internet transforma o modo como nos comunicamos, onde a vida passa a ser impactada por essa nova tecnologia. Ao usá-la de muitas maneiras, modificamos a própria internet e um novo ciclo passa a emergir nesta interação.

Na obra de Levy (2010) é descrito que em uma entrevista nos anos 50, Albert Einstein declarou que três grandes bombas haviam explodido durante o século XX: a bomba demográfica, a bomba atômica e a bomba das telecomunicações. Esta última foi chamada por Roy Ascott, um dos pioneiros e principais teóricos da arte em rede, de "segundo dilúvio". As telecomunicações geravam esse novo dilúvio, em virtude da natureza exponencial, explosiva e caótica de seu crescimento.

No Brasil, a internet chegou em setembro de 1988. Conforme estudo de Guizzo (1999), as primeiras conexões foram feitas no setor acadêmico e somente anos depois foi destinada a usuários domésticos e empresas. Desde então, do ponto de vista tecnológico, não existe mais impedimento ou distância na comunicação entre atores de uma organização, inclusive gestores/professores. Segundo o Brasil Escola, o que predominava entre 15 e 35 mil anos a.C, era a arte rupestre, forma que os homens usavam para poder se comunicar utilizando desenhos em parede.

Até chegar à linguagem oral e, foram muitos anos. Da arte rupestre e dessas invenções até a escrita, se passaram mais de 30 mil anos. Inicialmente, para poder escrever, o homem usou pedra, osso, marfim, madeira e depois barro, papiro, pergaminho, até chegar ao papel. A linguagem oral continua sendo o modo de comunicação mais presente na vida humana.

Para Lemos (2005), as práticas contemporâneas que agregam socialmente estão sendo utilizadas através de tecnologias móveis para ações que reúnem grande quantidade de pessoas, muitas vezes multidões chegam a realizar uma atividade em grupo e podem ligeiramente dispersar, já que a tecnologia permite isso. Essas reuniões apresentam fins artísticos ou possuem objetivo mais engajado, de cunho político-ativista. Esse conjunto de práticas é chamado de *smart mobs* e trata-se do uso de tecnologias móveis para formar grandes grupos de pessoas em massa com o intuito de agir no espaço público das cidades. As primeiras, de caráter hedonista, são as *flash mobs*, mobilizações instantâneas com objetivo de concentrar em um lugar e rapidamente se dispersar; criando efeito de paralização no público. Enquanto que as segundas, ativistas, têm por finalidade fomentar multidões com fins de protesto político em praça pública.

Lemos (2005) afirma que as trocas de mensagens *SMS* causaram o movimento de uma multidão para protestar, tendo como resultado a deposição do presidente Estrada, das Filipinas e a derrota do partido da situação na Espanha. Não pode se pensar em atribuir as consequências políticas à mobilização por tecnologias móveis,

parecem ser compreensível que estas se formam ferramentas de mobilização. Nas próprias campanhas eleitorais nos *EUA*, *SMS* (*TXT mobs*) são usadas como modo de protesto, onde as massas entram na era da conexão. As *smart mobs* define bem a massa de Elias Canetti e na visão da revolução das massas de Ortega y Gasset. O fator “multidão” interessa o autor como fenômeno urbano e sociedades industriais, o que implica na era da conexão: a multidão, que de repente tornou-se visível e instalou-se na sociedade.

A partir da chegada dos primeiros *smartphones* na vida social, perceberam-se as mudanças nos hábitos, costumes e comportamentos emocionais nas relações pessoais. Sugiram impactos e consequências do uso abusivo dessas novas tecnologias. Cabe ressaltar que, tanto como instrumento de trabalho, quanto entretenimento, o uso demasiado e de forma inconsciente de eletrônicos móveis com internet (especialmente *smartphones*) pode causar danos à saúde dos usuários, além de dependência (vício).

1.2 Problema e questão de pesquisa

Considerando-se na contemporaneidade a observação de uma comunidade acadêmica que tem necessidade demasiada do uso de aparelhos eletrônicos móveis com internet (sobretudo *smartphones*), é que surgiu o interesse em desenvolver a pesquisa. Tendo em vista que os gestores acadêmicos assumiram o imediatismo do século em virtude da era das tecnologias.

De tal modo, a tecnologia tem alterado a forma como os indivíduos trabalham, se relacionam e vivem. Este trabalho pretende responder à seguinte questão de pesquisa: À luz da teoria vigente sobre paradoxos tecnológicos, que gera questionamentos quando identificados e extensivos a uma série de tecnologias podem ser encontrados do mesmo modo na relação entre executivos e *smartphones*.

Frente a esse contexto surge a problemática para o trabalho com a finalidade de investigar o impacto da nomofobia, num cenário no qual o docente é gestor. Nesse sentido, **qual a percepção dos gestores quanto à dependência do uso de dispositivos móveis no trabalho?**

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

- Descrever a respeito da dependência do uso de dispositivos móveis percepção dos gestores de instituições de ensino superior.

1.3.2 Específicos

- Caracterizar o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa;
- Diagnosticar o significado atribuído ao uso de dispositivos móveis no trabalho;
- Compreender a nomofobia a partir da influência do uso de dispositivos móveis na atividade laboral.

1.4 Justificativa

Este trabalho surgiu como resposta a indagações feitas pela autora, no que diz respeito à necessidade demasiada do uso de aparelhos eletrônicos móveis com internet (principalmente *smartphones*). Dentro do universo da universidade, percebe-se que os gestores/professores na contemporaneidade, assumiram o imediatismo do século em virtude da era das tecnologias, tanto que, na atualidade, a comunicação tornou-se abrangente. Nesse sentido, ficará mais visível o comportamento desses gestores diante das demandas laborais.

A escolha desse tema ocorreu devido ao interesse em investigar a necessidade demasiada do uso de aparelhos eletrônicos móveis com internet (notadamente *smartphones*) por parte dos professores/gestores de instituições de ensino superior. A pesquisa tornou-se relevante, sendo percebida a relação de dependência dos gestores em relação aos dispositivos móveis e isso para a sociedade poderá ser uma oportunidade de autorreflexão sobre o uso coerente desses dispositivos. Os sintomas mais observados de medo no contexto gerencial se resumem nas tendências de sensibilidade excessiva. Que podem ser caracterizadas pela maior dificuldade em modular emoções e por se importunar facilmente com eventos específicos, sobretudo, os que lembram dificuldades anteriores.

Oliveira (2018) apresenta em sua pesquisa desenvolvida com universitários que 3% do público entrevistado possui nível grave de dependência do dispositivo móvel, causando impactos e problemas no cotidiano. Na sequência, 32% dos sujeitos tiveram pontuação moderada em relação à compulsão do uso do smartphone, devendo aprender a utilizar de forma consciente. Enquanto que 55% dos pesquisados demonstraram sinais de dependência do celular, mesmo que seja num grau leve, os problemas ocasionais em decorrência do uso exagerado podem ser percebidos.

O estudo é oportuno neste contexto de isolamento social que está sendo vivenciado e pela necessidade acelerada da tecnologia, bem como, a aceleração da transformação digital. Sendo assim viável por dispor de baixo custo para seu desenvolvimento e segurança para os envolvidos no projeto.

Independentemente de serem profissionais que atuam na área acadêmica, hoje não é comum deixar de carregar um smartphone nas mãos. Até os que mais resistem à tecnologia, estão fazendo uso dos dispositivos móveis e, não raro, sem ter a obrigação e sim utilizam para entretenimento, com a sensação de ter o mundo na palma da mão e, assim, não ter limites.

Como ponto de partida da pesquisa, faz-se necessário descrever a respeito da dependência do uso de dispositivos móveis percepção dos gestores de instituições de ensino superior de cursos da Pós-Graduação de instituições de ensino superior de Natal-RN e de João Pessoa-PB.

Para este trabalho, foram destacados esses gestores para a pesquisa, em virtude da autora conhecer e desenvolver esta atividade. Com isso, tornou-se uma realidade mais próxima e relevante para a entrevista.

1.5 Estrutura da Dissertação

Conforme pode ser observado no quadro 1, a dissertação está estruturada em cinco etapas. A primeira consiste na introdução (contextualização, problema e questão da pesquisa, objetivos gerais e específicos e justificativa do trabalho); a segunda, no referencial teórico, subdividido em aparelhos eletrônicos móveis com internet, dispositivos móveis com internet e seus efeitos no cotidiano, dependência provocada pelos dispositivos móveis nos usuários e nomofobia; a terceira, no percurso metodológico (participantes da pesquisa, coleta de dados e análise de dados); a quarta, nos resultados e discussões da pesquisa (caracterização das instituições A e

B, perfil dos entrevistados, perfil sociodemográfico, uso de dispositivos móveis no trabalho e a influência do uso); e a quinta, nas considerações finais, com os limites da pesquisa e recomendações para estudos futuros.

Quadro 1 – Estrutura da Dissertação

Estrutura da Dissertação	Introdução	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualização; - Problema e questão da pesquisa; - Objetivos gerais e específicos; - Justificativa.
	Referencial Teórico	<ul style="list-style-type: none"> - Aparelhos eletrônicos móveis com internet; - Dispositivos móveis com internet e seus efeitos no cotidiano; - Dependência provocada pelos dispositivos móveis nos usuários; - Nomofobia.
	Percurso Metodológico	<ul style="list-style-type: none"> - Participantes da pesquisa; - Coleta de dados; - Análise de dados.
	Resultados e Discussões da Pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterização das instituições A e B; - Perfil dos entrevistados; - Perfil sociodemográfico; - Uso de dispositivos móveis no trabalho; - Influência do uso.
	Considerações Finais	<ul style="list-style-type: none"> - Considerações finais; - Limitações da pesquisa; - Recomendações para estudos futuros.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo são apresentadas as bases teóricas acerca do impacto da nomofobia que, diante dos avanços tecnológicos, apresentam vantagens e desvantagens do imediatismo provocado pelos dispositivos móveis e o nível de dependência decorrente dos aparelhos nos usuários.

2.1 Aparelhos eletrônicos móveis com internet

O avanço tecnológico influenciou a mudança de hábitos e de vários aspectos do cotidiano das pessoas. Assim como, aumentaram as possibilidades de uso com aplicativos diversos, à complexidade de como os usuários se tornaram ainda mais dependentes desses aparelhos.

Castells (2003), quando escreve sobre a história da internet, 1962-95, afirma que a origem da internet pode ser encontrada na Arpanet, uma rede de computadores montada pela *Advanced Research Projects Agency-ARPA* em setembro de 1969. Esta rede foi formada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com a missão de mobilizar recursos de pesquisa, de forma mais direcionada para o mundo universitário. Tendo a finalidade de alcançar a superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética na esteira do lançamento do primeiro Sputnik em 1957.

A Arpanet caracterizava-se como um pequeno programa que surgiu de um dos departamentos da ARPA, o *Information Processing Techniques Office-IPTO*, fundado em 1962, com base numa unidade preexistente. Definido por seu primeiro diretor, Joseph Licklider, psicólogo transformado em cientista da computação no Massachusetts *Institute of Technology-MIT*, que objetivava estimular a pesquisa em computação interativa. De tal modo, a montagem da Arpanet foi aceita como uma maneira de permitir aos centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para a agência compartilhar on-line tempo de computação.

Para Borges e Joia (2013), estar conectado digitalmente é uma condição fundamental para se sentir inserido em um mundo cada vez mais interativo. Onde a informação significa uma importante moeda de poder e troca. A realidade se faz presente não apenas no âmbito organizacional, mas especialmente na esfera privada dos indivíduos. Enquanto as organizações procuram adotar tecnologias móveis de comunicação que permitam que seus funcionários se comuniquem de maneira mais

rápida e eficiente por meio de ferramentas como celulares e *smartphones*. Esses mesmos funcionários, em suas vidas particulares, também adotam ferramentas, mas que lhes permitam se sentir mais conectados e socialmente integrados.

Portanto, há uma enorme variedade de perspectivas acerca dessa temática. Entretanto, uma visão comum à grande maioria dos discursos é: a tecnologia contribui fundamentalmente para a modernidade e o progresso. Geralmente, a tecnologia promove liberdade, controle e eficiência no tempo e no universo do trabalho, já que ela permite que trabalhadores, através das ferramentas tecnológicas, maximizem, por exemplo, qualidades de onipresença, onisciência e onipotência.

Thompson (2013) aponta a importância de pensar nos meios de comunicação em relação aos contextos sociais práticos, nos quais os indivíduos produzem e recebem as formas simbólicas mediadas. É tendencioso que haja um esquecimento desse contexto nas histórias de reflexões teóricas e análises práticas sobre a mídia. Isto remete muito a questão do texto de uma forma geral.

A nomofobia, termo utilizado para esse estudo, deriva do inglês e significa “*No Mobile*” junto com a palavra Fobus de fobia, ou seja, nomofobia caracteriza medo de ficar sem o aparelho celular. Esse sentimento de medo, pânico ou ansiedade intensa por sentir falta do aparelho faz com que a pessoa se torne dependente fisicamente, como se fosse um usuário de drogas (BORGES; PIGNATARO, 2015).

Para Oliveira (2017), a nomofobia é tratada nas áreas da Psicologia e Psiquiatria e pode também ser apresentada no ambiente organizacional, em razão das exigências de algumas empresas que obrigam a disponibilidade dos funcionários a todo o momento, onde quer que estejam. Dessa forma, o tema passa a ser relevante para as organizações, a fim de cuidar da saúde e bem-estar dos colaboradores.

Cardoso, Nardi e King (2014) compreendem que existe diferença entre os termos ansiedade, medo e fobia. A ansiedade pode ser entendida como reação fisiológica do corpo que prepara para lutar em uma situação de risco, podendo provocar tremores, angústia, taquicardia e outros sintomas. O medo é descrito como a interpretação de uma situação como perigosa para a pessoa, podendo ser acompanhado de ansiedade ou não. Enquanto que a fobia está relacionada com o medo de maneira desproporcional, por vezes considerado irracional, que pode chegar a atrapalhar as atividades do dia a dia e prejudicar conseqüentemente a qualidade de vida.

A possibilidade de inclusão social proporcionada pela utilização da internet como campo de encontro num imenso mundo virtual é o que mais atrai o indivíduo. A própria sofisticação dos aparelhos celulares, as várias opções e os tipos de planos de acesso à internet diferenciam seus usuários dando certo status por terem essa janela aberta para o mundo virtual (MELO, 2016). Essa exposição pode intensificar a fobia por estar sem o *smartphone*, inclusive, estudos mostram que crianças e adolescentes brasileiros usam mais celulares durante a semana que crianças japonesas (CLARO; LORETO; MENCONI, 2013).

Quando se fala em evolução, Jenkins (2013) relata que nossos telefones celulares não são apenas aparelhos de telecomunicações, mas também nos permitem jogar, baixar informações da internet, tirar e enviar fotos e mensagens de textos. Isso mostra que, cada vez mais aumentam as possibilidades de uso, portanto alimentar essa convergência tecnológica significa mudança nos padrões dos meios de comunicação.

Diante desta perspectiva, a ausência da comunicação face-a-face e o uso excessivo de aparelhos eletrônicos móveis com internet podem afetar as interações com a sociedade, causando isolamentos, alienações e até patologias. Neste contexto, Bragazzi e Puente (2014) classificam este transtorno como uma disfunção de ansiedade e evolução crônica devido ao alto nível de ansiedade em situações que envolvem o meio social.

Oliveira (2017) relata que, em 2008 a equipe do Laboratório de Pânico e Respiração-LABPR identificou a existência de alterações no comportamento dos pacientes com transtornos de ansiedade relacionados ao uso indevido do computador e dos smartphones. Interferindo de modo considerável na qualidade de vida desses usuários, tal comprovação motivou-os a desenvolver estudos científicos que embasassem essa novidade. Que por se tratar de um assunto recente no Brasil, necessita de pesquisas mais constantes a fim de que sejam acompanhadas as interferências e mudanças na vida das pessoas de modo geral.

Cardoso, Nardi e King (2014) relacionam a nomofobia com os vários tipos de transtornos que uma pessoa pode desenvolver, tais como: ansiedade, pânico, impulso, fobia social, transtorno obsessivo compulsivo, dependência patológica, entre outros. Assim sendo, esta obra caracteriza-se por unificar artigos de diversos autores e com isso, apresentar implicações para a saúde mental, comportamento sexual,

aspectos econômicos e impactos ambientais ocasionados em decorrência da quantidade.

Torna-se necessário compreender melhor o contexto que perpassa por esta dependência que os aparelhos celulares causam. Considerar as análises de estudiosos sobre o tema proposto no primeiro momento. Em seguida, pesquisar os profissionais que trabalham diretamente com a tecnologia, visando a verificar o uso consciente no âmbito educacional.

Castells (2009) examina os processos de globalização que marginalizavam e agora ameaçam tornar insignificantes países e povos inteiros, excluídos das redes de informação. Mostra que, nas economias avançadas, a produção se concentra em uma parcela instruída da população com idade entre 25 e 40 anos. Sugere que o resultado dessa tendência progressiva pode não ser o desemprego, mas a flexibilização extrema do trabalho, a individualização da mão de obra e, em implicação, a estrutura social altamente segmentada.

Embora os *smartphone* não sejam institucionais, os colaboradores, gestores/professores, acessam o *smartphone* para este fim. Em virtude de serem ágeis acessíveis e darem mais celeridade aos processos, mesmo que estes estejam fora do horário de trabalho (CARDOSO; NARDI; KING, 2014). Em virtude dos avanços tecnológicos, os gestores/professores vêm desenvolvendo o hábito de acessar o seu *smartphone* com mais frequência para poder acompanhar as demandas institucionais.

Segundo Recuero (2009), o surgimento da internet trouxe consigo inúmeras mudanças para a sociedade, na qual a mais significativa foi à possibilidade de expressão e socialização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador. Sabendo que, essas ferramentas proporcionaram a possibilidade de construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões.

Percebeu-se o surgimento das possibilidades de estudo a partir das interações e conversações por meio dos rastros deixados na internet dando um novo fôlego aos estudos no início da década de 90.

Recuero (2009) relata que a abordagem de rede tem o foco na estrutura social, em que não é possível isolar os atores sociais de suas conexões. Esse estudo das redes sociais na internet traz o enfoque no problema de como as estruturas sociais surge, o tipo, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador

e como essas interações são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas.

Para Castro e Corso (2017) são melhores entendidas quando seus elementos e seus processos dinâmicos são compreendidos. Ressalta que os elementos das redes sociais na internet possuem aspectos peculiares que servem de base para que a rede seja vista e as informações apreendidas, todavia esses elementos não são rapidamente descritos. Sendo necessários questionamentos como: O que é um ator social na internet? Como considerar as conexões entre os atores online? Quais os tipos de dinâmicas que podem influenciar essas redes? Como podem ser percebidas essas unidades de análise no âmbito da comunicação mediada pelo computador e do ciberespaço?

Em suas definições, Recuero (2009) aponta os autores como o primeiro elemento da rede social representados pelos nós (ou nodos), neste caso, são as pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. As definições de conexões de uma rede social podem ser percebidas de diversas maneiras. Geralmente, as conexões em uma rede são formadas através da interação social entre os atores. De modo geral, as conexões correspondem o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos.

Recuero (2009) afirma, ainda, que essas ações podem ser coordenadas através da conversação, onde a ação de um ator social depende da percepção daquilo que o outro está relatando. Para ser encarada uma reciprocidade, a interação, como tipo ideal, implicaria em obter uma troca de satisfação entre os envolvidos. Assim como, conhecer as intenções e atuações de cada um? Cabe destacar que, interações não são descontadas dos atores sociais, mas parte integrante das percepções do universo que os rodeia, influenciadas por elas e pelas motivações particulares desses atores.

Beavin, Jackson e Watzlawick (2000) explicam que a interação representa um processo de comunicação, sendo uma ação que tem o reflexo social entre o indivíduo e seus pares. Enquanto que na opinião de Recuero (2009), a comunicação corresponde o último mecanismo das interações sociais. Estudar a interação é justamente analisar a comunicação entre os atores. Relações entre suas trocas de

mensagens e o sentido das mesmas, de como as trocas sociais dependem das trocas comunicativas.

Na composição dos elementos relativos à qualidade das conexões de uma rede social na internet, o capital social integra esse tópico segundo a referida autora. Este é um dos elementos estudados como indicativo da conexão entre pares de indivíduos em uma rede social onde seu conceito pode ser variado.

Quando se fala em topologias de redes sociais na internet, Recuero (2009) novamente traz uma perspectiva de que essas são metáforas estruturais; dessa forma, elas constituem-se em formas de analisar agrupamentos sociais a partir de sua estrutura. As redes sociais na internet estão relacionadas às estruturas mediadas pelas informações construídas através dos laços sociais estabelecidos pelos atores.

Por outro lado, Franco (2008) aponta que as topologias são essenciais para a compreensão das redes sociais. Essa metáfora da rede é essencial por proporcionar a percepção de topologias eficientes para a ação dos grupos sociais, onde as topologias convencionais podem ser modificadas pelo uso das redes sociais virtuais.

2.2 Dispositivos móveis com internet e seus efeitos no cotidiano

É necessário perceber também as vantagens do imediatismo provocado pelos dispositivos móveis e, para isso, destaca-se a evolução no acesso à informação. A comunicação mais democrática amplia a possibilidade de não ter fronteiras até mesmo geográficas para se conhecer/comunicar com o mundo de maneira livre e sem interrupções.

É comum encontrar pessoas num grupo em que quase todos os participantes estão usando o *smartphone*. Os indivíduos acostumaram a estar sempre conectados e, por essa razão, não se sentem prejudicadas em consultar com frequência o seu *smartphone*. Não acreditam na existência de um problema ao se conectarem na maior parte do dia e, muitas vezes, adentrando a noite (BORGES; PIGNATARO, 2015).

Não é raro encontrar famílias inteiras usando celulares num restaurante ou numa praça. A dependência do celular como ferramenta que auxilia as pessoas nos afazeres diários, sendo que este é capaz de agrupar funções antes realizadas pelos computadores que, em décadas passadas, era utilizado apenas para o trabalho. Hoje é capaz de confundirem-se com o lazer, obrigações diárias e até mesmo o estudo (MAZIEIRO; OLIVEIRA, 2016).

A partir do acúmulo de funções nos celulares, sua importância acaba extravasando os limites do razoável que se utiliza no dia a dia (MAZIEIRO; OLIVEIRA, 2016). Sem esquecer de destacar que, junto ao uso das ferramentas existe o afastamento do mundo real, proporcionado pela conexão na internet. Levando o usuário a uma espécie de isolamento das relações pessoais e contatos direto com pessoas (CUNHA; SOUZA, 2017).

Os telefones celulares e as novas tecnologias têm moldado a vida diária, com aspectos positivos e negativos. Não só na vida pessoal e social, mas também no âmbito profissional, o uso de *smarthphones* funciona como instrumentos facilitadores e significativa importância para a realização das atividades, estando mais incorporados ao ambiente de trabalho. Apesar dos seus benefícios, o uso em excesso de *smartphones* pode causar dependência e provocar alterações emocionais. E ainda, sintomas físicos e psicológicos, tais como: aumento da ansiedade, taquicardia, alterações respiratórias, tremores, transpiração, pânico, medo e depressão (KING et al, 2014).

Para Lemos (2005), o fenômeno das “*thumb tribes*” (“tribos do polegar”) na Finlândia e no Japão, mostra um crescente uso do telefone celular como um difusor de mensagens rápidas, interpessoal e massiva. A velocidade das mensagens e dos contatos permite um questionamento a respeito do que está em jogo; seja um verdadeiro canal de comunicação ou se esse tipo de contato seria apenas para trocas rápidas de informação. Não correspondendo o verdadeiro processo comunicacional, onde caracteriza-se como saber se as formas ágeis de trocas na cibercultura podem ser definidas como comunicação.

Luhmann (2001) afirma que a verdadeira comunicação é improvável em diversas instâncias, seja ela face a face, passando pelo telefone fixo, pelos *chats* e fóruns na internet, chegando hoje às mensagens SMS e aos “papos” apressados pelo telefone celular. Isso ocorre por três fatores principais: provavelmente, ninguém vai compreender o que o outro quer dizer, tendo em conta o isolamento e a individualização da consciência. É improvável que uma comunicação chegue a mais pessoas quando comparada as que se encontram presentes numa dada situação. Por fim, possivelmente não haverá probabilidade de obter resultado almejado, nem sequer a comunicação terá sido compreendida. Entende-se compreendida o fato de que o receptor pode adotar conteúdo seletivo da comunicação como premissa do seu próprio comportamento.

De acordo com Melo (2016), existem pessoas que não saem de casa sem o celular; quando está com o dispositivo móvel o mantêm ligado 24 horas por dia e sentem ansiedade quando o esquecem em casa. O fortalecimento no padrão de consumo desse tipo, conforme Greenfield (2011) é difundido pela mídia e empresas que vendem os serviços assim como os aparelhos. Associando a necessidade de ser aceito em grupos numa sociedade amplamente consumista, o indivíduo é impulsionado a ter esse tipo de comportamento relacionado à atratividade pelo acesso ao conteúdo da internet.

Para Cunha (2014), a expansão da telefonia se aperfeiçoa a cada dia porque os fabricantes de celulares estão investindo na área de marketing do produto. Conseqüentemente, os aparelhos estão ganhando novas funções e se tornando atraentes para os consumidores, onde esse avanço e crescimento da quantidade de usuários interessados nesta tecnologia geram transformações na forma de ser nas relações sociais e de trabalho, por conseguinte, como exemplo dessas mudanças na vida das pessoas.

Cunha (2014) relata sobre a utilização do nono dígito para os números de telefones celulares em decorrência do crescimento da base de assinantes do serviço, permitindo assim, a oferta de novas linhas de celulares com o objetivo de padronizar as discagens para telefonia móvel e evitar possíveis problemas para o cliente.

Na década de 1990, um serviço indispensável para as pessoas era o envio de mensagens de texto. A primeira mensagem de texto enviada foi durante 1993, a partir de uma operadora da Finlândia. No Brasil, essa tecnologia demorou a chegar, porque as operadoras brasileiras estavam preocupadas em instalar telefones fixos para os seus clientes. As mensagens de texto da época eram limitadas e apresentavam poucos caracteres. Um serviço pouco complicado de ser utilizado pelo simples fato de que o destinatário tinha que ser compatível com essa tecnologia (JORDÃO, 2009).

Lemos (2005) afirma que os celulares devem ser interpretados como instrumentos que podem aumentar as possibilidades de emissão e recepção de novas informações, ampliando as probabilidades de comunicação, mas não garantindo, obrigatoriamente um maior enriquecimento do processo comunicativo. Essa afirmativa nega o fato de estarmos numa sociedade comunicativa, de uma ampliação das formas de comunicação humana. Estar de acordo com esse pensamento seria insistir em uma utopia ou em um determinismo positivo da tecnologia.

Primeiramente, a disseminação de instrumentos de informação não obrigatoriamente, vão melhorar a performance comunicativa. O segundo ponto, reflete que não há determinismo técnico e controle sobre o cotidiano. Tendo o celular como um aspecto remoto da vida, não garante a construção de uma sociedade da comunicação aberta, mais favorável ou em direção ao entendimento. O terceiro ponto analisa o determinismo tecnológico que deve ser exposto e as máscaras da ideologia reveladas. É válido refletir que a era da conexão não é necessariamente uma era da “comunicação”.

Na concepção de Cunha (2014), as campanhas incomodavam os usuários, mas com o avanço da tecnologia nas operadoras e nos aparelhos, começaram a surgir motivo para as pessoas desejarem adquirir aparelhos de telefones cada vez mais diferenciados. Com o passar do tempo foram ganhando novas cores, visores com escalas de cinza, recurso capaz de distinguir imagens, contudo era tudo muito irreal.

Quando surgiu o primeiro celular com 4 mil cores, as pessoas ficaram muito encantadas com a tal tecnologia para um aparelho tão pequeno. Entretanto não demorou muito para que os novos aparelhos ganhassem displays de 64 mil cores e visores com até 256 mil cores, as imagens eram tão reais e não percebia faltar mais nada.

Na contemporaneidade, o termo celular foi substituído por *smartphone* devido à utilização de um sistema operacional. Esse sistema traz rede sem fio (Wifi), câmera de qualidade, conexão via *Bluetooth*, memória interna com muito espaço. Algumas funções aprimoradas como: reprodução de arquivos que tenham a compatibilidade com documentos de pacotes - *Office* e suporte a redes 3G. Essa nova geração dos celulares apresentam vantagens como: vídeo chamada, conexão de internet em alta velocidade e economia de energia nos aparelhos. Além de recursos mais sofisticados e funções bastante interessantes (JORDÃO, 2009).

Oliveira (2017) afirma que quando é levado em consideração o ambiente organizacional, algumas empresas incorporaram em suas atividades diárias o uso do telefone celular (*smartphone*). Tendo em vista os benefícios que podem ser proporcionados, os quais incluem: a facilidade de acesso à internet, *e-mails* e maior celeridade na comunicação. Apesar das inúmeras vantagens dessa tecnologia, existem prejuízos decorrentes da sua má utilização, como problemas ergonômicos e a diminuição da concentração nas atividades de trabalho.

O referido autor relata, ainda, que alguns profissionais se tornam “escravos do trabalho” em função de estarem ou precisarem estar permanentemente online, como se estivessem sempre de plantão, fazendo hora extra por meio do telefone. Isso tem acontecido em diversas profissões, em que a rotina de trabalho está associada ao uso contínuo do celular, a exemplo da função de empresários, executivos, vendedores, profissionais do *marketing*, professores, médicos, psicólogos. É certo que o uso excessivo do celular facilita a comunicação organizacional e profissional, mas pode colaborar para o desenvolvimento de um padrão *workaholic*⁴, influenciando a forma como o indivíduo trabalha.

De acordo com Cohen e Schmidt (2013), as tecnologias de comunicação oferecem oportunidades de rupturas culturais e técnicas. Como interagimos e olhamos para nós mesmos continuará sendo influenciado e conduzido pelo mundo online ao redor. A nossa memória seletiva permite adotarmos novos hábitos e esquecer a maneira como fazíamos as coisas antes. Na contemporaneidade é difícil imaginar uma vida sem equipamentos móveis. Num tempo em que *smartphones* são onipresentes, você tem um seguro contra esquecimentos, acesso ao universo de ideias e pode deixar a mente sempre ocupada, apesar de encontrar um modo de fazer isso de forma útil.

Cohen e Schmidt (2013) destacam que o *smartphone* tem um nome adequado para o equipamento. Enquanto a conectividade global continua seu avanço sem precedentes, algumas antigas instituições e hierarquias precisarão se atualizar ou certamente, vão correr o risco de se tornarem obsoletas, irrelevantes para a sociedade moderna. O esforço pela atualização em empresas grandes e pequenas corresponde um exemplo da mudança dramática pela qual a sociedade terá que passar num futuro próximo.

As tecnologias de comunicação estarão em constante transformação, seja pelo lado interno ou externo. Numa trajetória crescente, alcançaremos mais pessoas muito distantes de nossas fronteiras e grupos linguísticos (COHEN; SCHMIDT, 2013). Com o passar dos dias, a sociedade vai viver e trabalhar em dois mundos ao mesmo tempo e ser regida por eles. No meio virtual, todos estarão conectados, de forma rápida e por uma variedade de meios e equipamentos.

⁴Que ou quem é viciado em trabalho; trabalhador compulsivo.

Para Lemos (2005), o aparelho telefônico passa a ser um “teletudo”, pois é um equipamento que ao mesmo tempo é telefone, máquina fotográfica, televisão, cinema, receptor de informações jornalísticas, difusor de e-mails e *SMS*, *WAP*, atualizador de sites (*moblogs*), localizador por *GPS*, tocador de música (*MP3* e outros formatos) e carteira eletrônica. Dessa forma, na contemporaneidade é possível dizer que ver televisão, pagar contas, interagir com pessoas por *SMS*, registrar fotos, ouvir música, pagar o estacionamento, comprar *tickets* para o cinema, entrar em uma festa e até organizar mobilizações políticas e/ou hedonistas (caso das *smart e flash mobs*). Este equipamento expressa a radicalização da convergência digital, transformando-se de fato, como um “teletudo” para a gestão móvel e informacional do cotidiano.

A obra de Cohen e Schmidt (2013) tem por objetivo demonstrar como o mundo virtual pode tornar uma realidade melhor, pior ou apenas diferente, em que os dois mundos vão restringir um ao outro. Algumas vezes ambos colidirão e em outras, um deles vai acelerar e exacerbar fenômenos no outro de modo que uma diferença em grau se tornará uma diferença em espécie. Os autores afirmam ainda que com o surgimento de novas tecnologias de informação, ao longo da história fortaleceu sucessivos grupos de pessoas comuns em detrimento dos tradicionais detentores de poder, sendo eles rei, igreja ou elite. Naquela época, como hoje, o acesso à informação ou a novos canais de comunicação rendia oportunidades de participar, deter poder de barganha e direcionar o curso de sua vida com mais desembaraço.

Quando se fala em imediatismo, se fala de dependência e não se pode responsabilizar o aparelho e sim seu uso excessivo, pois a função de um *smartphone* não é desenvolver dependência no indivíduo. Diante dos diversos recursos; facilitar a comunicação instantânea e mobilidade, levam as pessoas a permanecerem mais tempo conectadas, tornando-as assim, mais dependentes de seus *smartphones*, reforçando os sentimentos de ansiedade quando distantes deles. (CASTRO; CORSO, 2017). Os sintomas apresentados nesse distúrbio podem ser confundidos, por isso é importante o diagnóstico.

Para Mazieiro (2016), os sintomas observados mais frequentemente nestas situações são: angústia, ansiedade, nervosismo, tremores, suor, entre outros. São sintomas físicos e psicológicos que tornam o estudo sobre o impacto da nomofobia nas famílias e na sociedade, daí a importância em observar quando se os dispositivos móveis estão causando dependência dos usuários em virtude do uso contínuo.

2.3 Dependência provocada pelos dispositivos móveis nos usuários

Leite (2019) observa que assim como a tecnologia e seus impactos são novos na vida dos indivíduos pós-modernos, o estudo da nomofobia também está em fase inicial e precisa ser aprofundado. O uso do *smartphone* de forma contínua e abusiva não está ordenado matematicamente de forma a se definir por números. São necessários estudos bem precisos relacionados aos impactos e sintomas apresentados para se compreender essa patologia que ameaça o bem-estar e a saúde mental de crianças, jovens e adultos.

O referido autor alega ser inegável a presença de pontos positivos dessa nova tecnologia, como aproximar pessoas, velocidade das informações, melhor qualidade nos registros e interações virtuais. O que se precisa ser avaliado são justamente os excessos, os limites ultrapassados e sua dependência física, que causa transtornos e modifica a qualidade de vida dos indivíduos. Possivelmente no futuro, ao estudar essa geração, pode-se encontrar diversos fósseis com indivíduos segurando um artefato retangular feito com metais e minerais ao invés de abraçado aos outros (LEITE, 2019).

Cohen e Schmidt (2013) trazem um adendo que a internet é o maior experimento da história envolvendo anarquia. A cada momento, milhões de pessoas criam e consomem uma considerável soma de conteúdo digital em um universo online que não é limitado pelas leis terrestres. Essa capacidade de livre expressão e movimento de informação gerou a verdadeira paisagem virtual. Se pararmos para analisar todos os sites que já visitamos, os *e-mails* que já encaminhamos, os textos online lidos.

É válido pensar nas relações construídas, nas jornadas planejadas, nos empregos obtidos e nos sonhos nascidos, alimentados e desenvolvidos por esse meio. Torna-se pertinente verificar o que a ausência de um controle hierárquico permite: as fraudes online, as campanhas de *bullying*, os sites de grupos que pregam preconceitos com violência e as salas de bate-papo de terroristas. Isso é a internet, o maior espaço sem governo do mundo.

Lemos (2005) relata que existem mais usuários de celular que internautas no mundo e esse dado tende a crescer, sendo o celular e a televisão, vistos como formas de inclusão digital. Alguns autores vão afirmar que estamos vendo o fim da telefonia fixa, com o *VoIP* (*“voice over internet protocol”*). Em países como Portugal ou Dinamarca, já existem mais celulares do que pessoas, e isso é reflexo justamente de

uma aderência crescente à mobilidade, criando uma nova dinâmica social sobre a cidade.

Como preceitua Cohen e Schmidt (2013), esse espaço vai crescendo, a compreensão dos aspectos de nossa vida vai mudando, das situações mais superficiais de nosso cotidiano, até as questões mais fundamentais sobre identidade, relacionamento e mesmo nossa própria segurança. Por ação da tecnologia, obstáculos ancestrais à interação humana, como geografia, linguagem e informação limitada, vão cedendo e uma nova onda de criatividade e potencial humanos vai se elevando.

O fato de aderir à internet está promovendo uma das mais empolgantes transformações sociais, culturais e políticas da história, e, ao contrário do que ocorreu nos períodos de mudança anteriores, os efeitos são globais. Era difícil encontrar tantas pessoas, de lugares diferentes, terem tanto poder ao alcance das mãos. Embora não seja a primeira revolução tecnológica de nossa história, será aquela que tornará possível a quase todos possuírem, desenvolverem e disseminarem conteúdos em tempo real.

Sobre a velocidade da tecnologia da comunicação, Cohen e Schmidt (2013) afirmam que as tecnologias progrediram numa velocidade sem precedentes. Na primeira década do século XXI, a quantidade de pessoas conectadas à internet em todo o mundo, disparou de 350 milhões para mais de 2 bilhões. Neste período, houve um aumento de usuários de telefones celulares, de 750 milhões para bem mais que 5 bilhões. A tecnologia se expande pelos pontos mais distantes do planeta em ritmo acelerado.

Cohen e Schmidt (2013) indicam que, até 2025, a maior parte da população mundial sairá, em uma geração, da quase total falta de acesso a informações não filtradas. Para conquistar o domínio de toda a informação do mundo através de um aparelho que cabe na palma da mão.

Se o ritmo atual da inovação tecnológica for mantido, a maioria da população, estimada em 8 bilhões de pessoas, estará online. Isso compete a todos os níveis da sociedade, onde a conectividade vai se tornar mais acessível e prática. As pessoas terão acesso a redes de internet com o custo mais acessível quando comparada as que existem hoje. Sendo mais produtivos, criativos e desenvolvendo pontos públicos de internet sem fio e redes de alta velocidade para conexão doméstica. Estendendo a experiência até lugares onde hoje nem mesmo existem linhas telefônicas. A sociedade

mundial vai emitir um maior salto com toda geração de tecnologia, o que na contemporaneidade serão vendidas em feiras de antiguidades, como aconteceu com o telefone de disco.

Leite (2019) reforça que a saúde mental das pessoas está em jogo assim como o sono, os objetivos de vida, a busca pela felicidade e a realização pessoal. Não se trata simplesmente identificar, mas tratar de forma mais efetiva e com qualidade. O diagnóstico tem que ser bem elaborado e as ferramentas utilizadas nessa percepção têm que ser estudadas e comprovadas.

Para Borges e Joia (2013), o crescimento da inovação tecnológica provocou uma alteração no comportamento e hábito da sociedade. Considerando o ato de “estar conectado” a uma condição fundamental para se incorporar a um mundo cada vez mais interativo, onde a informação corresponde uma significativa moeda de poder e troca.

Para Bragazzi e Puente (2014), por não existir uma comunicação face-a-face, o uso constante dessas novas tecnologias pode interferir nas interações sociais, causando comportamentos confusos e sentimentos ruins. O que pode levar ao isolamento das pessoas envolvidas, certo grau de alienação, problemas econômicos/financeiros e patologias físicas e psicológicas, como: danos relacionados à radiação do campo eletromagnético, acidentes de carro e a angústia ligada ao medo de não ser capaz de usar novos dispositivos tecnológicos. Esse transtorno ou fobia social é como um transtorno de ansiedade de evolução crônica, marcada pelo alto nível de ansiedade em situações sociais que envolvem o contato interpessoal e interações, que pode causar extrema ansiedade ou interferência na vida diária do indivíduo.

Oliveira (2018) descarta que em tempos de conectividade, a mobilidade que o celular proporciona, gera uma condição indispensável para o mundo moderno que se vive na contemporaneidade. A quantidade crescente dos indícios que colocam em discussão os efeitos negativos do uso em excesso do *smartphone*, estudos variados começaram a analisar as causas e consequências desta utilização. Colocando em questão os efeitos nocivos que até então eram timidamente abordados na literatura. Diante das particularidades voltadas às diferentes tecnologias, observa-se a necessidade de explorar os estudos específicos que abordam o uso dos celulares e seus impactos, assim como seus desafios e perspectivas na sociedade.

Sabe-se que, ao transformar a configuração das relações interpessoais na forma de se comunicar, a nova construção social, marcada pela “Era Digital”, faz com que o uso dos celulares se torne “obrigatório” no cotidiano. Este passou a ganhar relevância dentro das empresas, não só para a comunicação entre os funcionários, mas para a realização das atividades, possíveis através dos aplicativos e funcionalidades que dispõem (OLIVEIRA, 2018).

Diante deste contexto, faz-se uma análise de como o professor/gestor necessita manter-se atualizado através do mundo virtual. Para Cardoso, Egídio, Spear (2014), não pode desconsiderar que essa mudança de comportamento traz alterações psíquicas nas relações pessoais e sociais; tornando-se difícil absorver esse avanço porque as tecnologias não param de evoluir.

Com isso, é necessário um limite, assim como tudo na vida Cardoso, Egídio, Spear (2014) acrescentam ainda que a tecnologia pode aproximar quem está mais distante, assim como afastar quem está próximo.

2.4 Nomofobia

Segundo Oliveira (2017), qualquer ser humano está sujeito à nomofobia. Tanto os jovens que nasceram no mundo tecnológico, quanto os funcionários de empresas que precisam estar conectados e disponíveis além do seu horário de trabalho, podem ser afetados na mesma proporção. À medida que o tempo passa, a nomofobia faz com que as pessoas se distanciem da convivência com a família e amigos, para ficar isoladas no mundo virtual, causando mudanças consideráveis nessas relações. É um contexto complexo, pois ao mesmo tempo em que não há uma relação pessoal, existe um contato no mundo virtual com outros indivíduos, aproximando os que estão longe e, conseqüentemente, afastando os que estão perto.

Correia e Yildirim (2015) definem nomofobia como sendo o medo de não poder utilizar um aparelho ou um telefone móvel e/ou os serviços oferecidos. Angústia por não se sentir capaz de se relacionar com as pessoas por este meio de comunicação, perdendo a conexão que os smartphones permitem, sem acessar informações através dos smartphones.

O termo nomofobia foi originado de um estudo que investigava o nível de ansiedade dos usuários de telefone celular, a pesquisa detectou que cerca de 53% dos usuários sofriam de dependência crônica pelo uso do aparelho. Foi utilizado pela

primeira vez na Inglaterra em 2008, referente à abreviação das palavras inglesas “no mobile phone phobia”, que significa “fobia de ficar sem telefone” (CORREIA; YILDIRIM, 2015; KING et al, 2014).

Cohen e Schmidt (2013) colocam que as instituições, oportunidades e desafios chegarão juntos com a conectividade global, com um nível de responsabilidade decorrente da pressão popular. Os levará a repensar suas operações atuais e adaptar seus projetos para o futuro, mudando a maneira como fazem as coisas quanto à forma como apresentam suas atividades ao público. Serão encontrados novos concorrentes à medida que a difusão da inclusão tecnológica nivelar o campo de batalha pela informação e oportunidades. No futuro, nenhuma pessoa, independente da classe social, ficará isolada das mudanças que, em muitos casos, serão históricas.

No campo das inovações tecnológicas, o *smartphone* apresentou diversas formas de interação entre as pessoas (KIM, 2018). Trazendo uma configuração onde o mundo virtual e real se integram e se confundem simultaneamente, sendo os jovens e as crianças, os maiores protagonistas.

Cohen e Schmidt (2013) compartilharam uma visão global sobre o potencial das plataformas tecnológicas e seu poder inerente, e isso permeia todo o trabalho que fizeram, seja no *Google*, seja fora dele. Acreditam que as plataformas modernas de tecnologia, como *Google*, *Facebook*, *Amazon* e *Apple* são mais poderosas que a maioria das pessoas percebem e imaginam. Que o mundo do futuro será profundamente alterado por essa constata utilização e sucesso em sociedades ao redor do mundo.

Para Cohen e Schmidt (2013), essas plataformas representam uma chegada como quebra de paradigma, comparado ao que aconteceu com a invenção da televisão e o que lhe dar essa força é sua capacidade de crescimento, principalmente com a velocidade com que isso acontece. Os referidos autores ressaltam que praticamente nada, com exceção de um vírus biológico é capaz de se espalhar de forma tão rápida, eficiente ou agressiva, fazendo com que aqueles que as desenvolvem, controlam e usam se tornem poderosos.

Segundo Cohen e Schmidt (2013), antes, nunca tantas pessoas estiveram conectadas por uma rede que permitisse respostas tão imediatas. Existe, de plataformas comunitárias online (como consumidores, criadores, colaboradores, ativistas e de qualquer outro modo), possibilidades de ação coletiva que podem de fato mudar o jogo. Os efeitos em grande escala são familiares, desde a divulgação de

um vídeo musical até uma plataforma internacional de *e-commerce*, corresponde mero vislumbre do que está por vir.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta etapa do estudo estão descritos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta dissertação, que tem como objetivo principal compreender a percepção dos gestores a respeito da dependência do uso da tecnologia em instituições de ensino superior, a partir da percepção dos coordenadores de curso nas cidades do Natal-RN e João Pessoa-PB. Estão presentes nesta fase, os critérios escolhidos para selecionar os sujeitos da pesquisa, a descrição do instrumento adotado, os procedimentos para a sua aplicação e a conduta de como os dados deverão ser analisados.

3.1 Tipo de pesquisa

Para a realização deste trabalho foi utilizada a abordagem qualitativa, tendo em vista que se busca a compreensão da nomofobia e sua influência no cotidiano de gestores atuantes em IES. Lakatos e Marconi (2017) explicam que a abordagem qualitativa é feita através da atividade de análise que consiste na tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e demais fatores. Os autores também afirmam que o método qualitativo tem a preocupação em analisar e interpretar fenômenos mais profundos, além de fornecer uma análise minuciosa sobre hábitos, investigações, tendências de comportamento e atitudes.

Balsini e Godoi (2010) relatam que pesquisas qualitativas, tanto para delimitar quanto para formular o problema, possuem características próprias, com exigência maior do pesquisador no contexto a ser analisado. Nesse tipo de abordagem, não se busca regularidades, mas o entendimento dos envolvidos e daquilo que os levou a agir da forma diferente.

Para Minayo (2008), os instrumentos de trabalho de campo na pesquisa qualitativa permitem uma mediação entre o marco teórico metodológico e a realidade empírica. Uma pesquisa qualitativa “é adotada para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou grupo atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 43).

Dessa forma, a pesquisa é baseada na análise de experiências das pessoas que vivenciam cotidianamente a situação que está sendo estudada e, além disso, considerando a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da

produção de conhecimento (FLICK, 2009). O referido autor também afirma que, por meio da pesquisa qualitativa, existe a possibilidade de explicar fenômenos sociais diversos através das opiniões que são fornecidas pelos respondentes da entrevista durante a pesquisa.

Em uma perspectiva de fins científicos, a presente pesquisa assume um caráter descritivo, que, segundo Yin (2001), tem como principal intuito organizar o estudo de caso, sendo uma alternativa a falta de proposições teóricas. A natureza descritiva analisa o estudo de caso exploratório, depois observa toda a estrutura em seguida examina seus sumários. Na busca de constituir uma pista implícita das diferentes abordagens analíticas.

Em outras situações, a pesquisa descritiva pode ajudar a identificar as ligações causais apropriadas a serem analisadas mesmo quantitativamente, organizando as observações de acordo com os parâmetros que são seguidos ao longo da pesquisa (FLICK, 2012). Que seu principal objetivo é expor as características de uma determinada população ou fenômeno, estabelecendo relações entre as variáveis e sua natureza.

[...] O estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa o exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular (GODOY, 1995, p. 25).

Trata-se de estudo qualitativo referindo-se a um trabalho empírico, por meio do desenvolvimento de uma pesquisa de campo que visa reunir um conjunto de informações. Sendo que as informações escritas em entrevista semiestruturada servirão para fundamentar o estudo de campo com base no objeto de análise crítica pela pesquisadora.

3.2 Participantes da pesquisa

No que concerne às áreas de investigação, a pesquisa contou com a participação de docentes/gestores, ou seja, coordenadores de Curso da Pós-Graduação *Lato Sensu* de instituições de ensino superior de Natal-RN e João Pessoa-PB. Identificando-se suas percepções quanto à influência do *smartphone* como um elemento inerente à figura profissional.

O grupo de participantes da pesquisa foi composto por 15 (quinze) coordenadores atuantes em Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu* em instituições de ensino superior nas cidades de Natal e João Pessoa, focando no total de gestores que exercem essa função nas instituições. Para Vergara (2015), o universo da pesquisa refere-se a um conjunto de sujeitos dispostos a participar do processo de investigação com finalidade científica.

Os critérios utilizados para incluir esses participantes na pesquisa englobam o avanço tecnológico nas atividades laborais e a dependência provocada pelos aparelhos nos usuários.

3.3. Procedimentos e instrumento de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada a partir de uma pesquisa de campo com suporte da técnica da entrevista, com levantamento da percepção dos gestores educacionais que são coordenadores de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* de 02 (duas) instituições de ensino superior de capitais do nordeste brasileiro. Por meio de roteiro de entrevista semiestruturada e levantamento da percepção dos colaboradores, com 10 (dez) questões. Em consonância com o escopo do referencial teórico e configurado com os objetivos gerais e específicos da pesquisa, de forma que fosse possível dar subsídios para responder à questão-problema. A organização do instrumento de pesquisa deu-se pela própria autora.

Antes da aplicação do instrumento de pesquisa foi realizado um teste piloto com 04 (quatro) coordenadores de curso selecionados um de cada área (saúde, engenharias, direito e hospitalidade). Esse teste serviu para verificar se havia necessidade de mudanças em alguma questão do roteiro de entrevista, assim como deixar mais compreensível a intenção dos questionamentos aos entrevistados. A entrevista foi balizada por 10 (dez) questões, sendo composta por duas partes. A primeira, mediante apresentação de dados sociodemográficos; e, a segunda, com questões relacionadas ao tema de estudo propriamente dito.

A elaboração desse instrumento de pesquisa está planejada de acordo com os objetivos específicos propostos no estudo e tópicos do acervo teórico adotado, com seus principais autores que subsidiaram as suas definições.

A entrevista foi desenvolvida no período de 01 a 15 de abril; totalizando 04 (quatro) participantes. Do dia 17 a 30 de abril de 2020, a coleta de dados dos demais participantes foi organizada. A pesquisa de campo utilizou como instrumento de coleta a entrevista semiestruturada, as quais foram encaminhadas por meio de mídias *online*, reforçadas com os indivíduos em questão. Lembrando que o entrevistado respondeu e realizou a devolutiva pelas mídias *online*.

No presente estudo, a aplicação da entrevista tornou-se pertinente por ser um instrumento flexível durante a realização da coleta. Minayo (2008) afirma que a entrevista semiestruturada contém perguntas fechadas e abertas, as quais possibilitam o pesquisador esclarecer dúvidas e conversar com o entrevistado a respeito da temática da pesquisa, através de mídias online, sem que haja a necessidade de seguir de forma rigorosa as questões.

A entrevista é uma conversa entre duas pessoas, das quais uma corresponde o entrevistador e a outra, o entrevistado. O principal objetivo da entrevista semiestruturada é entender os significados que o pesquisador atribui às situações e às questões relativas ao tema em análise (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 280).

Assim sendo, o propósito da entrevista é reunir dados descritivos na linguagem dos próprios entrevistados. De modo que possibilite ao entrevistador a construção de uma ideia sobre como o sujeito entrevistado interpreta aspectos do mundo (GODOI, 1995).

As perguntas da entrevista semiestruturada (Apêndice A) foram elaboradas pela pesquisadora a partir dos objetivos propostos na pesquisa. Teve o intuito de compreender a percepção dos gestores a respeito da dependência do uso da tecnologia em instituições de ensino superior, a partir dos coordenadores de curso de Natal-RN e de João Pessoa-PB. O roteiro da entrevista foi dividido em três momentos: perfil sociodemográfico do entrevistado, como ele enxerga o significado atribuído ao uso de dispositivos móveis no trabalho e a influência do uso de dispositivos móveis na atividade laboral.

Na primeira parte, foram apresentadas 04 (quatro) questões que tratam do perfil do entrevistado referentes ao gênero, idade do gestor, tempo de atuação no cargo e formação. A segunda parte, composta por 03 (três) questões com o propósito de diagnosticar o significado atribuído ao uso de dispositivos móveis no trabalho. As perguntas foram constituídas por temas relacionados à trajetória profissional de cada

participante; com foco na formação segundo treinamentos e desenvolvimento de habilidades para o uso de dispositivos móveis. Assim como, suporte em relação ao uso de ferramentas digitais advindos da instituição e a percepção da cobrança em relação ao uso de dispositivos móveis no ambiente trabalho.

A terceira e última parte contemplaram questionamentos com a finalidade de identificar a influência do uso de dispositivos móveis na atividade laboral. As indagações trataram da quantidade de horas por dia que esses participantes utilizam o celular para informações de trabalho, se sentem medo de ficar sem o celular ou dispositivo móvel e qual a percepção diante da relação “medo” e “dispositivos móveis” no ambiente de trabalho. Com ênfase nos espaços coletivos onde estão presentes seus colegas de instituição.

3.4. Tratamento e análise dos dados

O conteúdo adquirido em função da coleta de dados foi observado por um tratamento e análise qualitativos, levando em consideração os dados obtidos das pesquisas e conteúdos da entrevista. Esses dados qualitativos foram analisados por meio da análise de conteúdo temático em uma lógica positivista; gerando significação hermenêutica para ser convertida em unidades relevantes (BARDIN, 2016).

Os dados coletados foram tratados de forma qualitativa embasados na análise de conteúdo em harmonia com a concepção de Bardin (2011). Tendo em vista que a análise de conteúdo enquanto método torna-se um conjunto de técnicas de análises das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Para a referida autora, essa análise é composta por três fases bastante definidas, ou seja, pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

De acordo com Bardin (2011), todo esse procedimento inicial tem como orientação a problemática e os objetivos que foram traçados durante a pesquisa. A fase de pré-análise é caracterizada pelo fato do pesquisador escolher o material dos dados coletados; observando as seguintes regras segundo a exaustividade, a representatividade, a homogeneidade, a pertinência e a exclusividade. Feito isso, o pesquisador inicia um processo de leitura do material, denominada por Bardin, de leitura flutuante.

A leitura flutuante é compreendida como o primeiro contato com o material. Nesta etapa, a exploração do material faz com que o pesquisador desenvolva um estudo aprofundado com base na coleta de dados, guiado pela problemática da pesquisa, objetivos propostos e referenciais teóricos. Posteriormente, o pesquisador deve codificar os dados (procedimento em que os dados são transformados e agregados em unidades) e depois, fazer a escolha do índice de indicadores organizados.

Bardin (2011) afirma que o autor da pesquisa apoiado nos resultados, deve relacionar o conteúdo coletado com base do referencial teórico. Visando tornar os resultados válidos e significativos no tratamento de dados; trazendo retomadas ao referencial teórico a fim de embasar as análises realizadas.

É válido destacar que o computador significa uma ferramenta tecnológica de análise profunda dos dados da pesquisa, que consegue realizar operações quando comparado ao ser humano, conforme Bardin (2011). Ressalte-se que os dados não foram analisados com o auxílio de *software*; utilizando apenas o computador como ferramenta tecnológica.

De forma geral, a pesquisa busca facilitar a compreensão da análise dos dados e demonstrar os objetivos estabelecidos no presente estudo. Através da análise de conteúdo que é um método que vem sendo utilizado historicamente e no cotidiano das pesquisas em geral. O quadro 2 é apresentado a seguir, de modo a melhor estruturar o roteiro das entrevistas, relacionando-o com os objetivos.

Quadro 2 - Objetivos específicos, questões do instrumento, referencial teórico

Objetivos Específicos	Questões do instrumento de coleta dos dados	Referencial teórico
Objetivo 01: Identificar o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa	Questão 1 Questão 2 Questão 3 Questão 5	Carvalho (2017) Cordeiro (2012)
Objetivo 02: Diagnosticar o significado atribuído ao uso de dispositivos móveis no trabalho	Questão 6 Questão 8 Questão 9	Sbroglia (2015) Unhelkar (2009) Lemos e Di Felice (2015) Castells (2003)
Objetivo 03: Identificar a influência do uso de dispositivos móveis na atividade laboral nos usuários	Questão 4 Questão 7 Questão 10	Oliveira (2018) Jenkins (2015) Corrêa (2009) Tams, Legoux e Léger (2018) Bragazzi e Puente (2014)

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

No quadro 2, apresentado anteriormente, evidenciam-se como os objetivos estão conectados com as perguntas elaboradas na entrevista, relacionando-os, sobretudo, o referencial teórico utilizado no estudo.

4. RESULTADOS

A partir deste tópico, apresentam-se os resultados encontrados no estudo dividido em três partes: caracterização das instituições de ensino, perfil dos participantes e achados do estudo. Os dados referem-se à pesquisa de campo realizada no período de 01 a 30 de abril de 2020. Demonstrando os resultados correspondentes a percepção dos coordenadores de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*, contabilizando 15 (quinze) professores/gestores, este número sendo o correspondente total. O grupo que recebeu por mídias *online* a entrevista semiestruturada, contabilizou um percentual de 100% do universo da pesquisa.

4.1 Caracterização da instituição A

A Instituição A vem crescendo junto com o Estado do Rio Grande do Norte e mantendo sua missão de formar cidadãos comprometidos com os valores éticos, culturais, sociais e profissionais. Contribuindo para o desenvolvimento sustentável do Rio Grande do Norte, da região e do país; características que remontam a sua origem.

A universidade em destaque começou suas atividades em 1981 com a oferta dos Cursos de Graduação em Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis. Em 19 de março de 1981, o Decreto nº 85.828, da Presidência da República, passou a autorizar o funcionamento das Faculdades de Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis, de ensino privado, que teve seu primeiro vestibular realizado nos dias 18 a 21 de abril daquele ano. Num total de 100 vagas para cada um dos três cursos iniciais e funcionamento provisório nas salas alugadas do Colégio Salesiano São José, sede provisória no bairro da Ribeira, na cidade do Natal.

Em decorrência do tempo, tornou-se uma grande empresa de educação superior no Rio Grande do Norte, cujos produtos são os serviços educacionais de nível superior, pagos. Amparados segundo a lei maior da educação vigente no país; a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação-LDB. A Instituição A de Ensino Superior privado e alma nordestina, desde o seu nascer, tem a missão de contribuir para o crescimento do RN.

Em virtude da ampliação dos Cursos de Graduação durante 2002, a universidade chegou à região oeste do Estado, com a instalação do Campus Mossoró

e a oferta dos Cursos de Administração, Ciências Contábeis e Direito. O crescimento e a consolidação do Campus foram tamanhos que em 2006 o espaço utilizado precisou ser ampliado. Com isso, acabou sendo determinada a construção do novo Campus, na Avenida João da Escóssia, cujas atividades foram iniciadas em 2007 e se mantém até hoje.

A instituição A é organizada de acordo com uma estrutura tecnológica, financeira e recursos humanos necessários à plena viabilização, com ênfase na utilização e aperfeiçoamento do Ambiente Virtual de Aprendizagem-AVA, responsável por liderar, planejar, coordenar e ofertar as ações de educação a distância. A universidade passou a ofertar os Cursos de Pós-Graduação em nível *Lato Sensu* a distância segundo a Portaria MEC nº 1.618/2005. Apta a desenvolver os Cursos de Especialização em Gestão Educacional, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

A administração acadêmica foi reestruturada com o agrupamento dos cursos e escolas (Escola da Saúde, Escola de Engenharias e Ciências Exatas, Escola de Gestão e Negócios, Escola do Direito, Escola de Licenciaturas, Escola de Comunicação e Artes, Escola de Hospitalidade e Gastronomia), permitindo um crescimento orgânico das atividades com a gestão de cursos, programas e projetos de ensino. E ainda, pesquisa e extensão pelo cumprimento de metas de conformidade amparadas por políticas e estratégias institucionais e com os projetos pedagógicos dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação. Fortalecendo seus diferenciais de qualidade e de sustentabilidade, sem dissociar ensino-pesquisa-extensão.

A partir de 2018, tornou-se a primeira Universidade do Rio Grande do Norte a receber o selo Instituição Amiga do Empreendedor. Reconhecido como programa coordenado pelo governo federal, de responsabilidade da Secretaria de Educação Superior-SESU/MEC e da Secretaria Especial da Micro e Pequena Empresa-SEMPE/MDIC.

A história da universidade demonstra o quanto o compromisso com a qualidade acadêmica tem sido responsável por seu crescimento sustentável. A atuação junto à comunidade, promoção de ações, pesquisas e extensão voltadas para o atendimento das demandas sociais, confirma o compromisso institucional com o desenvolvimento regional. Na formação de profissionais, a Instituição A oferece atualmente 60 Cursos de Graduação (Bacharelado, Licenciatura e Tecnológico); sendo 17 na modalidade à distância. Dentre os quais, 71 Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*, 06 Mestrados e

02 Doutorados. Além da oferta de cursos, a Universidade atua desde 2017 nas áreas de pesquisa com 23 grupos cadastrados no CNPq, contribuindo para o desenvolvimento científico, tecnológico e atividades extensionistas, tendo como forte a interação com a sociedade por meio de seus projetos.

A consciência cidadã é cultivada principalmente pela participação dos alunos em projetos de extensão comunitária. A finalidade é mostrar-lhes o exercício profissional e dever competente; segundo o sentido ético e melhoria educacional para a comunidade.

4.2 Caracterização da Instituição B

Na avaliação da história da instituição B, constatam-se tanto o crescimento quanto o amadurecimento numa proposta de evidenciar e justificar as perspectivas previstas. Neste cenário, a instituição B conta com variedade de opções de carreira, abrangendo a oferta legalmente autorizada de 32 formações.

Na Pós-Graduação *Lato Sensu*, a Faculdade traz a oferta de cursos em diversas áreas do conhecimento, por exemplo, Alta Gastronomia, Controladoria e Finanças, Direito Administrativo e Gestão Pública, Direito Penal e Processo Penal, Enfermagem de Emergência e UTI, Gestão Estratégica de Negócios, Gestão de Eventos, Direitos Humanos e Políticas Públicas, Gestão Estratégica de Pessoas, Comunicação em Marketing e Mídias Digitais, Logística Empresarial e SupplyChain, Nutrição Clínica e Funcional e Nutrição Esportiva. Atualmente, dispõem de 223 docentes, 95 funcionários técnico-administrativos, 6.040 estudantes da Graduação e Pós-Graduação; sendo mais de 2.500 egressos dos Cursos de Graduação e mais de 300 da Pós-Graduação.

Os segmentos de extensão e a responsabilidade social foram sendo estruturados com a finalidade de estimular as atividades de integração com a comunidade. Resultando na ampliação do potencial intelectual da faculdade e na seleção de indicadores para a renovação da proposta pedagógica. Novos investimentos passaram a fortalecer a oferta acadêmica dos cursos já existentes, tanto aqueles de natureza financeiros quanto voltados às pessoas e aos projetos pedagógicos.

Deu início as maiores possibilidades de intercâmbio para estudantes e professores em todos os países onde a rede está presente; oportunizando a

internacionalização das atividades educacionais. Sendo implantada a oferta de cursos de idiomas com certificação internacional com a possibilidade de dupla titulação para estudantes. Grandes eventos mundiais foram realizados e transmitidos ao vivo, com tradução simultânea e exclusividade, destinados a discentes e docentes.

Merece destaque a realização de aulas síncronas entre instituições nacionais e internacionais, assim como a promoção de eventos de práticas e trocas pedagógicas para os docentes das Instituições da Rede. A adoção de metodologias ativas de ensino-aprendizagem com a constante oferta de programas de desenvolvimento de lideranças acadêmicas e técnico-administrativas passou a ser implantados.

A troca de experiências com as Instituições de Ensino Superior-IES da Rede consequente aperfeiçoamento dos processos que envolvem o tripé ensino-pesquisa-extensão proporcionou a faculdade excelente oportunidade de fortalecimento acadêmico. Mantendo sempre o respeito à identidade institucional e às características regionais do contexto onde a instituição está inserida.

Os desafios lançados têm sido cumpridos graças ao respaldo e aos sustentáculos financeiros de sua mantenedora, a ASPEC, que validam e garantem o excelente funcionamento das atividades da IES, como a ampliação das edificações, com infraestrutura que atende ao crescimento do atual portfólio de cursos da IES. A compra de equipamentos para atendimento às novas salas de aula, espaços de trabalho de docentes e do corpo técnico-administrativo; obedecendo às exigências de acessibilidade. Além da ampliação do espaço e acervo da biblioteca, a aquisição de equipamentos para os novos laboratórios de ensino, reforços nas equipes administrativas e acadêmicas, a partir da constituição de frentes de trabalho, a exemplo do Centro de Serviços de Carreira-CSC.

Quanto aos desafios de expansão e qualificação acadêmica, continuará promovendo o fortalecimento de Curso de Graduação e Cursos de Pós-Graduação ofertados. À luz dos resultados dos processos avaliativos internos e externos, preservando-se a sustentabilidade financeira da IES.

4.3 Perfil dos entrevistados

Os entrevistados foram caracterizados por meio dos seguintes perfis: cargo que ocupam (Coordenador de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* de Natal e

João Pessoa). Contabilizando um total de 15 (quinze) professores/gestores de diferentes áreas de formação e tempo que atuam na instituição. Segue o quadro 3, a seguir.

Quadro 3 - Cargo, área de formação e tempo de atuação na instituição

Cargo	Área de formação	Tempo de atuação na instituição
E1 – Coordenador de curso	Exatas	Entre 02 a 05 anos
E2 – Coordenador de curso	Exatas	Entre 05 a 07 anos
E3 – Coordenador de curso	Direito	Acima de 10 anos
E4 – Coordenador de curso	Comunicação e Design	Entre 02 a 05 anos
E5 – Coordenador de curso	Exatas	Entre 02 a 05 anos
E6 – Coordenador de curso	Direito	Acima de 10 anos
E7 – Coordenador de curso	Hospitalidade	Entre 07 e 10 anos
E8 – Coordenador de curso	Saúde	Acima de 10 anos
E9 – Coordenador de curso	Saúde	Acima de 10 anos
E10 – Coordenador de curso	Exatas	Entre 5 a 7 anos
E11 – Coordenador de curso	Comunicação e Design	Entre 02 a 05 anos
E12 – Coordenador de curso	Saúde	Entre 02 a 05 anos
E13 – Coordenador de curso	Saúde	Entre 02 a 05 anos
E14 – Coordenador de curso	Comunicação e Design	Entre 07 e 10 anos
E15 – Coordenador de curso	Direito	Entre 02 a 05 anos

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Quanto à área de formação, foi possível verificar as áreas de Exatas (04), Saúde (04), Comunicação e Design (03), Direito (03) e Hospitalidade (01). Compreende todas as áreas para cursos de pós-graduação.

Em relação ao tempo que atua na instituição, a maioria dos respondentes trabalha de 02 a 05 anos na instituição (07), seguidos pelos que trabalham há 10 anos

ou mais (04); fechando com aqueles que trabalham de 05 a 07 anos (02) e de 07 a 10 anos (02).

4.4 Perfil sociodemográfico

A primeira pergunta se refere ao primeiro objetivo específico da pesquisa que foi caracterizar o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa que são os coordenadores de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* das duas instituições entrevistadas. O primeiro questionamento se refere ao gênero dos participantes; composto por 01 gestor no sexo masculino e 14 gestoras no sexo feminino, evidenciando com isso maioria feminina no ambiente institucional.

A segunda pergunta se refere ao objetivo 1 e está relacionada com a identificação da faixa de idade dos professores/gestores entrevistados numa escala de 31 a 40 anos. Entre os gestores que contemplou a maioria dos entrevistados (10), seguindo da escala de 18 a 30 anos, contemplando 03 concluindo com a escala de 41 a 50 anos (02).

Na escala descrita, percebe-se que se refere à geração Y. Segundo Carvalho, (2017), essa geração é caracterizada por jovens nascidos entre o início da década de 80 até meados dos anos 90; indivíduos que marcam um mundo estável e tecnológico. Nasceram no auge da telefonia, internet e dispositivos móveis com facilidade de lidar com diferentes meios tecnológicos. Criados em um ambiente de valorização intensa da infância, de modo superprotegidos pelos seus pais e; assim tiveram autoestima para alcançar seus objetivos.

Para Cordeiro (2012), essa geração Y é capaz de realizar diferentes tarefas simultaneamente, absorver grande quantidade de informações, possuir rapidez de raciocínio, no entanto, encontram dificuldades em alcançar conexões entre os conteúdos. Mesmo sabendo que a velocidade que permeia o mundo globalizado influenciou na maneira com que esses jovens lidam com a informação. A pressa igualmente se evidencia nos *millennials* através da vontade de testar limites e continuar a busca por crescimento pessoal e profissional.

Dando sequência as perguntas que atendem a esse objetivo, tem-se a indagação de quanto tempo o entrevistado atua na instituição como profissional. As respostas mostram que a escala de trabalho dos respondentes corresponde de 02 a 05 anos na instituição (07), seguidos pelos que trabalham há 10 anos ou mais (04),

fechando com os que trabalham de 05 a 07 anos (02) e de 07 a 10 anos (02). Isso mostra que a maioria está na organização aproximadamente 05 anos ou menos; desenvolvendo atividade de gestão de curso.

Finalizando os questionamentos relacionados ainda ao primeiro objetivo da pesquisa, tem-se uma questão aberta, em que foi abordado sobre a área de formação de cada gestor. As respostas apresentadas referem-se às áreas de Exatas (04), Saúde (04), Comunicação e Design (03), Direito (03) e Hospitalidade (01); conforme quadro abaixo:

Quadro 4: Descrição exata de cada área.

Área de atuação	
Engenharia de produção	(E1)
Arquitetura e Urbanismo	(E2 e E10)
Direito	(E3, E6, 15)
Design de Moda	(E4 e E11)
Engenharia Civil	(E5)
Gastronomia	(E7)
Psicologia	(E8)
Enfermagem	(E9)
Nutrição	(E12 e E13)
Jornalismo	(E14)

Fonte: elaborado pela autora (2020).

É possível verificar diversas áreas do conhecimento no inverso de formação desses professores/gestores, por se tratar de coordenadores de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* de duas instituições de ensino superior de capitais do nordeste brasileiro. Portanto, as descrições das respostas acima atendem ao objetivo específico que foi identificar o perfil sociodemográfico dos sujeitos da pesquisa.

4.5 Uso de dispositivos móveis no trabalho

O objetivo específico 2, visa diagnosticar o significado atribuído ao uso de dispositivos móveis no trabalho. No que diz respeito a este objetivo, a pergunta de número 06 interroga se durante a trajetória profissional do entrevistado, houve participação de alguma formação com treinamento e desenvolvimento de habilidades para o uso de dispositivos móveis. Baseado no questionamento, um total de 08 entrevistados respondeu que sim e foram destacadas as seguintes respostas justificadas.

Sim, através da Comunidade dos Professores, através do Transforma (E1).
 Sim, por meio das Oficinas do Blackboard, Transforma e Collaborate (E4).
 Os treinamentos que tive foram desenvolvidos nesta universidade (E7).
 Treinamentos aconteceram só depois que entrei nesta universidade (E14).

Houve uma resposta entre os entrevistados considerada relevante no que se refere ao incentivo da instituição para o uso de ferramentas tecnológicas e, indiretamente para o uso dos dispositivos móveis.

Já realizei treinamentos, não para o uso de dispositivos móveis de maneira geral, mas sim, para o uso de algumas ferramentas em modelo específico (E13).

O compartilhamento de informações e arquivos no ambiente organizacional é uma das maiores vantagens da tecnologia para as empresas, pois auxiliam o trabalho em equipe integrado onde todos os usuários têm um crescimento mais completo com informações compartilhadas (SBROGLIA, 2015). É possível que esse compartilhamento estimule a geração de conhecimentos. Orientando os pontos de destaque na utilização das tecnologias de gerenciamento de informações nas organizações; constatando oportunidade de desenvolvimento.

A oitava pergunta se refere ao questionamento de como o professor/gestor entrevistado considera que sua instituição forneça suporte em relação ao uso de ferramentas digitais para dispositivos móveis. Dentre os quais, 50% dos entrevistados afirmaram que sim; apresentando as seguintes justificativas.

A instituição incentiva o uso de metodologias ativas que contemplem também tais ferramentas (E1).
 Proporcionando cursos que atualizam os colaboradores sobre essas ferramentas (E3).
 Existe um suporte relativo, de como dominar as ferramentas (E4).
 Por meio de treinamentos periódicos presenciais e on-line (E5).
 Sempre disponibiliza capacitações e cursos para que todos façam um bom uso da tecnologia (E7).
 A instituição fornece periodicamente treinamentos sobre segurança no uso de dispositivos móveis. E agora, com as aulas remotas, foram realizados treinamentos para o uso da plataforma (E13).
 Considero um bom suporte. Apesar de que não me lembro de ter sentido muita dificuldade durante o uso (E14).
 Oferece treinamento para uso de sistemas compatíveis com computadores e especialmente smartphones, haja vista o atual contexto de home office (B15).

Diante das respostas, observa-se o suporte e o incentivo das instituições. Unhelkar (2009) afirma que a tecnologia móvel necessita ser analisada, compreendida e incorporada pelas organizações por meio de estratégias minuciosamente

interpretadas e pesquisadas; visando prover valor ao negócio e aos envolvidos. A implantação de tecnologias móveis pelas organizações necessita de uma abordagem estratégica para incorporar aos negócios.

As tecnologias móveis promovem interações entre os envolvidos (pessoas, organizações, clientes, fornecedores), independe do local e horário, com uso de estrutura de dispositivos portáteis. Incluindo os celulares, *smartphones*, *Personal Digital Assistants (PDAs)*, *notebooks* e *netbooks* nos padrões de comunicação (FREITAS, MACHADO, 2009; UNHELKAR, 2009).

Em atenção ao objetivo específico 2, os entrevistados foram indagados na questão de número nove, a responder como enxergam a cobrança em relação ao uso de dispositivos móveis no ambiente trabalho. Conforme os relatos, foi possível observar que os participantes que consideram alta a cobrança, deixaram bem explícito em suas respostas, justificando o cenário atual.

Deve ser feita de forma responsável, onde cada um precisa fazer uso consciente de ferramentas sem que a mesma atrapalhe sua produção (E1).
 Confesso que é muito estressante, pois trabalho 24h por dia (E4).
 Alta. A utilização de dispositivos móveis durante o trabalho é uma prática comum para grande maioria dos profissionais, gestores de equipes e empresas. Vejo uma cobrança quase que 100% em relação a minha função! (E6).
 Bem grande. Principalmente no momento que estamos vivendo (E7).
 Não há alternativa. É essencial e obrigatório para garantir o resultado esperado (E8).
 Máxima (E9).
 Normalmente acho tranquilo e muitas vezes necessário. Nessa quarentena estou um pouco sufocada, porque as reuniões que eram marcadas com dias de antecedência por e-mail, estão sendo cobradas por dia e pelo *WhatsApp*. Com isso, a produção acaba ficando prejudicada, bem como, o estresse aumenta. Embora ainda acredite que é a melhor ferramenta no momento devido o caráter de urgência (E10).
 A cobrança é muita, por isso deveria haver um dispositivo emprestado ao funcionário para que fosse usada apenas para o trabalho (E12).
 A cobrança é alta, principalmente diante desse cenário de pandemia (E13).
 Considero invasiva por causa do uso do *WhatsApp*, pela falta de “etiqueta” (horários, fim de semana) e por parte de alunos. Os gestores são bem equilibrados nesse sentido, mas já houve casos de gestores que depois das 23h continuavam discutindo assuntos de trabalho em grupo de *WhatsApp*. Considero inadequado (E14).

Percebe-se, a partir desses relatos, que se podem identificar, pelo menos, dois aspectos relacionados à cobrança do uso dos dispositivos móveis, ou seja, positivo e negativo. Os aspectos negativos se tornaram aparentes quando relacionados aos seguintes relatos: “Confesso que é muito estressante, pois me sinto trabalhando 24h por dia (E4)”, “Bem grande (E5)”, “Produção fica prejudicada, bem como, o estresse

umenta (E10)”, “Considero invasiva, principalmente o uso do *whatsapp*, pela falta de uma etiqueta (horários e finais de semana) (E14)”. Na resposta “garantir o resultado esperado (E8)”; parece ser uma justificativa da cobrança que os gestores citaram.

Di Felice e Lemos (2015) relatam as percepções dos entrevistados, onde as transformações tecnológicas ocorridas nos últimos anos chegaram a atingir todos os setores. Com isso, sociedade civil vem sendo profundamente alterada pelo advento dessa nova arquitetura de redes, impactando “a política, a economia, a cultura, a educação e todos os campos sociais; até como nos organizamos e vivemos” (DI FELICE; LEMOS, 2015, p. 2).

Há contrapontos quando a seguinte entrevistada afirma:

O uso dos dispositivos móveis acelera as informações e permite encontros não presenciais, por exemplo, o uso do *Microsoft teams*. Pelo dispositivo, também podemos acessar e-mails e assim, se situar da informação em qualquer lugar (E5).

Contudo, observa-se que a necessidade do uso constante da tecnologia na instituição tem sido reconhecida positivamente. Em virtude de existirem dados que mostram como a tecnologia proporciona facilidade de acesso e celeridade no processo comunicacional.

Sobre a resposta da entrevistada, Castells (2003) denomina a sociedade contemporânea de “sociedade em rede”. Justamente pelo impacto da tecnologia e pela presença constante da internet na vida diária das pessoas; viabilizando um novo formato na maneira dos indivíduos se comunicarem.

4.6 Influência do uso

O objetivo específico três da pesquisa veio na tentativa de compreender a nomofobia a partir da influência do uso de dispositivos móveis na atividade laboral. Para iniciar essa análise, a pergunta de número quatro, faz o seguinte questionamento: Qual a quantidade de horas por dia você faz uso do celular para informações de trabalho? A questão apresentava-se de maneira fechada, dentro de uma margem ou escala de 8h, 10h, 12h e acima de 14h. O número mais alto de respostas ficou com 12h (5) e acima de 14h (5); mostrando que é significativa a quantidade de tempo que utiliza do dispositivo móvel para fins de trabalho.

Esse tempo é bem correspondente ao *WhatsApp* segundo Carvalho (2015) quando mostra que essa mídia é considerada uma ferramenta de comunicação interna muito utilizada. Podendo promover um diálogo, reduzir mal-entendidos, boatos e construir relações mais sólidas com a equipe de trabalho e clientes no sentido de fomentar melhores resultados das organizações.

De acordo com Viacava et al. (2016), a dependência causada pelo uso das tecnologias em dispositivos móveis, especificamente os celulares. Em momentos inadequados está ligada a capacidade de autocontrole e a depleção do ego (desgaste e a diminuição da capacidade de atos regulatórios resultantes do cansaço psicológico).

A outra pergunta que corresponde ao objetivo em questão foi a de número sete onde a indagação busca saber se o entrevistado sente medo de ficar sem o celular ou dispositivo móvel. As respostas foram divididas em 50% que disseram sim e 50% que declararam que não. Dos que responderam positivamente; 25% justificaram, sendo postas abaixo. Enquanto que os outros 25% afirmaram sentir medo, porém não justificaram o motivo.

Sim. Pois é hoje minha principal ferramenta de comunicação profissional. (E1).

Sim, porque virou uma ferramenta de trabalho (E4).

Não sei se medo seria a palavra certa, mas sim, sinto que falta algo (E12).

Medo não, mas o receio de tarefas que se acumularam pela falta do dispositivo (E14).

Sim, uma vez que é extremamente necessário para a consecução de minhas atividades profissionais, principalmente hoje em dia (abril de 2020), tempo em que atravessamos uma pandemia que resultou no isolamento social/*home office*. Além disso, as redes sociais passaram a ser utilizadas com maior frequência. Um motivo que me levou a querer ter o celular por perto (E15).

Oliveira (2018) afirma que é possível responsabilizar cargos profissionais pela utilização excessiva do celular, pois a organização necessita que o funcionário esteja disponível de forma online sempre que for preciso. Inclusive para realizar certas atividades, onde, obrigatoriamente fará uso do *smartphone*. Por enxergar essa grande vantagem, algumas empresas solicitam que seus colaboradores usem as redes sociais particulares. Como forma de divulgação e/ou realização de questões relacionadas ao trabalho. Causando reflexão sobre o fato das organizações estarem indo além, no comportamento dos funcionários e o uso privado das mídias digitais.

Para Léger, Legoux, Tams (2018), a nomofobia influencia o estresse através da ameaça social. Quando os sentimentos de incapacidade de satisfazer às

expectativas das outras pessoas por não estar disponível naquele momento e à incapacidade de resposta imediata aos e-mails, postagens no *facebook* e demais mensagens.

Neste contexto, ao afetar os comportamentos interpessoais e sociais, Bragazzi e Puente (2014) evidenciam que as principais características relacionadas à nomofobia estão voltadas para o uso excessivo do aparelho celular. Como por exemplo, usar regularmente o *smartphone* e gastar referente tempo nesta utilização, levar o carregador consigo devido ao receio da bateria descarregar, ficar ansioso quando o *smartphone* não está próximo ou sem conexão com a internet. E ainda, manter o celular ligado dia, noite e dormir com o aparelho próximo a cama, verificar a todo o momento a tela do aparelho para saber se as mensagens ou chamadas foram recebidas, usar as novas tecnologias para se comunicar e esquecer a funcionalidade original do telefone que é realizar ligações.

Para King et al (2014), é crescente o número de pessoas utilizando aparelhos celulares e este fato leva ao surgimento de um fenômeno que começa a chamar a atenção dos estudiosos, caracterizado o vício da nomofobia. Nome dado ao mal-estar e medo de ficar sem contato ou acesso à internet, computadores e telefone celular. Conhecido como transtorno do século 21; a nomofobia geralmente vem acompanhada por outros problemas psicológicos, como: alteração no humor, fobia social, depressão, síndrome do pânico, ansiedade, dentre outras (CORREIA; YILDIRIM, 2015; CARDOSO; NARDI; KING, 2014).

Essa dependência que vem sendo relatada pelo uso de computadores, internet e telefone celular pode ser classificada, segundo King et al (2014), como nomofobia. Que significa a mesma coisa do medo de ser incapaz de se comunicar sem o *smartphone* ou ferramentas da internet.

A questão de número 10 integraliza a busca para atingir o terceiro e último objetivo específico neste tópico da pesquisa, ou seja, busca investigar a percepção dos entrevistados diante da relação medo e dispositivos móveis no ambiente de trabalho. Com ênfase nos espaços coletivos onde estão presentes seus colegas da instituição. Nas respostas, 75% dos entrevistados reconhecem a necessidade como também o desconforto que percebem nos colegas de trabalho em virtude demasiada desde o uso.

Diante do crescimento da necessidade do uso do celular para fins de atividades laborais, os profissionais em seu ambiente corporativo, reconhecem a necessidade

do uso. E enxergam, não raro, esse uso mais frequente nos colegas, que neles mesmo.

O uso nesse ambiente se faz normalmente, tendo em vista que meu uso para tal ferramenta é estritamente profissional (E1).

Tenho medo de perder a agenda, recados, anotações importantes (E2).

Somos obrigados a nos manter conectados ao longo do dia e muitas vezes, deixamos de estar no nosso momento de descanso com a família (E4).

Vejo de forma positiva e ninguém deixa de fazer o trabalho para ficar em celular! No nosso ambiente de trabalho, utilizamos muito o celular para o “trabalho” assim o ambiente corporativo é super importante (muito positivo) (E6).

Um risco necessário. E não há como desvincular/dissociar o uso dos dispositivos móveis do desse espaço (E8).

Hoje, ficar um dia sem o celular acarreta em acúmulo de demandas de trabalho, que muitas vezes consegue-se resolver através do dispositivo (E12).

Observo que a sensação de medo e a relação é presente para a maioria dos colegas, e que muitos não conseguem se “desvincular” mesmo que momentaneamente das questões de trabalho. Afinal, o celular está sempre perto (E13).

Não vejo medo entre os colegas. Mas também não me lembro de ter conversado sobre isso. Logo, percebi irritação com conteúdo de trabalho fora de hora (E14).

Não enxergo que haja medo. No máximo, um pouco de estresse se a demanda estiver alta e o aparelho telefônico, por exemplo, ficar psicologicamente muito associado a trabalho. Às vezes, os colegas querem se “desligar” um pouco (E15).

Jenkins (2013) fala que uma geração que chega a este cenário, trata-se de uma transformação não somente tecnológica, mas cultural, em que todos internalizam o modelo impactante na maneira como as pessoas se relacionam com essas plataformas. A resposta “Somos obrigados a nos manter conectados ao longo do dia e muitas vezes, deixamos de estar no nosso momento de descanso com a nossa família (E4)”, traz um impacto dessas ferramentas no trabalho e na vida pessoal. Mostrando a necessidade de manter a cultura em se relacionar com a família, aproveitar os momentos de descanso e lazer.

Diante do crescimento do uso do celular para fins de atividades laborais, os profissionais em ambiente corporativo, reconhecem a necessidade do uso mais frequente nos colegas que neles mesmo. Observado de maneira clara no relato a seguir: “Não enxergo que haja medo. No máximo, um pouco de estresse se a demanda estiver alta e o aparelho telefônico, por exemplo, ficar psicologicamente muito associado ao trabalho. Às vezes, os colegas querem se “desligar” um pouco (E15)”. No relato “Tenho medo de perder a agenda, recados, anotações porque são

informações importantes (E2)”, caracteriza-se traços de nomofobia, por esses artefatos estarem associados aos aparelhos utilizados.

Para Oliveira (2018), existem hábitos bem característicos e suas devidas consequências causadas pela dependência e uso excessivo do celular. Mas ainda são apresentadas de forma tímida nas discussões nacionais, tendo em vista que boa parte da literatura identificada é de outros países. As inovações no mercado dos *smartphones* potencializa o desejo dos consumidores em adquirir as novidades, fazendo com que seus usuários fiquem mais tempo dedicados a esse tipo de aparelho.

Segundo Lee et al. (2012), em decorrência das consequências físicas que a nomofobia pode acarretar devido ao uso repetitivo do punho na utilização do dispositivo móvel. Podem existir lesões no pulso que sejam frequentes, fazendo-se necessário atentar para precauções ao usar esses dispositivos. É válido ressaltar que Krajewska-Kułak et al. (2012) apontam quanto ao uso exagerado do celular. Existem relatos que esse uso constante está ligado a fatores de risco para o pescoço, ombro e dor lombar em adolescentes, além de problemas relacionados à audição e visão.

Para Borges et al. (2016, p. 206), os dispositivos móveis, como os *smartphones*, se tornaram objeto de desejo das pessoas. Por ter a capacidade de concentrar, em um único aparelho, as funções de telefone (voz) e de processamento de dados, geralmente executadas em um computador.

Saad Corrêa (2009) afirma que, no contexto organizacional, a realidade digital está completamente ligada ao próprio funcionamento da instituição. Seja qual for seu campo de atuação, o computador é indispensável, juntamente com os sistemas integrados de gestão, as páginas e os portais corporativos na web e intranets são na atualidade meios de operação e conexão.

Oliveira (2018) reflete que, em tempos de conectividade, a mobilidade que o celular proporciona se torna uma condição indispensável para o mundo moderno. Uma crescente quantidade de indícios que colocam em discussão os efeitos negativos do uso em excesso do *smartphone*, passaram a analisar as causas e consequências da utilização desses aparelhos. Colocando em questão os efeitos nocivos.

Diante das particularidades voltadas às diferentes tecnologias existentes no contexto dos dispositivos móveis; observa-se a necessidade de explorar os estudos e seus impactos no cotidiano dos seres humanos, bem como, propor desafios e perspectivas.

O quadro 5 é apresentado a seguir, com a Temática das perguntas, respostas relacionando-as com as Concepções teóricas convergentes

Quadro 5 - Principais achados de campo com enfoque no uso de dispositivos móveis

Temática das perguntas	Respostas	Concepções teóricas convergentes
Cobrança em relação ao uso de dispositivos móveis no ambiente de trabalho.	O uso dos dispositivos móveis acelera as informações e permite encontros não presenciais. Por exemplo, o uso do <i>Microsoft teams</i> . Pelo dispositivo, também podemos acessar e-mails e assim, se situar da informação em qualquer lugar (E5).	Castells (2003) denomina a sociedade contemporânea de “sociedade em rede”, justamente pelo impacto da tecnologia e pela presença constante da internet no dia a dia das pessoas, viabilizando um novo formato na maneira dos indivíduos se comunicarem em sociedade.
Cobrança em relação ao uso de dispositivos móveis no ambiente de trabalho.	Alta. A utilização de dispositivos móveis durante o trabalho é uma prática comum para a grande maioria dos profissionais, gestores de equipes e empresas. Vejo uma cobrança quase que 100% em relação a minha função! (E6).	Lemos e Di Felice (2015) relatam que as transformações tecnológicas ocorridas nos últimos anos atingem em todos os setores. Dessa forma, a sociedade civil vem sendo profundamente alterada pelo advento dessa nova arquitetura de redes, impactando “a política, a economia, a cultura, a educação e todos os campos sociais, até como nos organizamos e vivemos”.
Quantidade de horas por dia, que usa o celular para informações de trabalho.	12h (5) e acima de 14h (5).	Carvalho (2015) mostra que o aplicativo <i>WhatsApp</i> é considerada uma ferramenta de comunicação interna utilizada, podendo promover diálogo, reduzir mal-entendidos ou boatos e construir relações mais sólidas com a equipe de trabalho, clientes, fomentando resultados das organizações.

Medo de ficar sem o celular ou dispositivos móveis.	<p>Sim. Pois é hoje minha principal ferramenta de comunicação profissional (E1).</p> <p>Sim, porque virou uma ferramenta de trabalho (E4).</p> <p>Sim, uma vez que é extremamente necessário para a consecução de minhas atividades profissionais hoje em dia (abril de 2020), tempo em que atravessamos uma pandemia que resultou no isolamento social/<i>home office</i>. Além disso, utilizo com frequência as redes sociais, mais um motivo que me leva a querer ter o celular por perto (E15).</p>	Oliveira (2018) afirma que é possível responsabilizar cargos profissionais pela utilização excessiva do celular, pois a organização necessita que o funcionário esteja disponível de forma online sempre que preciso para realizar atividades, onde, obrigatoriamente fará uso do <i>smartphone</i> .
Percepção dos entrevistados diante da relação medo e dispositivos móveis no seu ambiente de trabalho, levando em consideração os espaços coletivos onde estão presentes seus colegas de instituição.	<p>Observo que essa sensação de medo e a relação é presente para a maioria dos colegas. Muitos não conseguem se “desvincular” mesmo que momentaneamente das questões de trabalho, afinal, o celular está sempre perto (E13). Não vejo medo entre os colegas. Mas também não me lembro de ter conversado sobre isso. Percebi irritação com conteúdo de trabalho fora de hora (E14). Não enxergo que haja medo. No máximo, pouco de estresse se a demanda estiver alta e o aparelho telefônico ficar psicologicamente associado ao trabalho. Os colegas querem se “desligar” um pouco (E15).</p>	Oliveira (2018) reflete que, em tempos de conectividade, a mobilidade que o celular proporciona se torna uma condição indispensável para o mundo moderno.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O quadro 5 sintetiza e destaca os principais achados de campo com enfoque no uso de dispositivos móveis, relacionado algumas perguntas e respostas convergentes com o referencial teórico.

Diante dos resultados, observou-se um medo de ficar sem celular ou de não atender as expectativas do empregador e medo ou irritação com o excesso de tempo disponível para o trabalho. Os participantes não citaram a questão da segurança da informação no cenário tecnológico. Foi possível identificar também que, se houvesse institucionalização de aplicativos sociais e hedônicos como uso funcional no trabalho, seria uma possibilidade de amenizar os fatos observados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber na pesquisa que responsabilizar cargos profissionais pela utilização excessiva do celular é possível, uma vez que a organização necessite que o funcionário esteja disponível de forma online sempre que for preciso. Inclusive para realizar certas atividades, onde, obrigatoriamente fará uso do *smartphone*. Observada como vantagem, algumas instituições sugerem que seus funcionários usem cotidianamente seus dispositivos móveis para otimização de tarefas.

A referida dissertação teve como objetivo geral descrever a respeito da dependência do uso de dispositivos móveis percepção dos gestores de instituições de ensino superior. Assim como, caracterizar o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa, diagnosticar o significado atribuído ao uso de dispositivos móveis no trabalho e compreender a nomofobia a partir da influência do uso de dispositivos móveis na atividade laboral.

O roteiro de entrevistas semiestruturado foi composto por 10 (dez) perguntas com a finalidade de viabilizar o levantamento do perfil dos 15 (quinze) entrevistados da pesquisa. Este número de participantes corresponde ao número total de gestores de Pós-Graduação *Lato Sensu* das duas instituições.

O primeiro objetivo específico foi caracterizar o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa, que são os coordenadores de Pós-Graduação *Lato Sensu* de universidade localizadas em Natal e João Pessoa. Sendo o gênero dos participantes constituído por 01 gestor do sexo masculino e 14 gestoras no sexo feminino. Na escada de 31 a 40 anos, a constatação de 75% refere-se à geração Y, que para Carvalho (2017), essa geração é caracterizada por jovens nascidos entre o começo da década de 80 até meados dos anos 90.

O tempo em que os entrevistados atuam na instituição como profissional também fez parte do objetivo 1. Sendo que 50% das respostas demonstraram a escala que a maioria dos respondentes trabalha, ou seja, de 02 a 05 anos na instituição. Finalizando os questionamentos relacionados ainda ao primeiro objetivo da pesquisa, tem-se uma questão aberta, em que foi perguntando sobre a área de formação de cada gestor. Dentre as quais, apontadas às áreas de Exatas (04), Saúde (04), Comunicação e Design (03), Direito (03) e Hospitalidade (01). Isso demonstra um perfil eclético dos profissionais.

O segundo objetivo específico visou diagnosticar o significado atribuído ao uso de dispositivos móveis no trabalho. No que diz respeito a este objetivo, aos entrevistados foi interrogado se durante a trajetória profissional, houve a participação de alguma formação com treinamento e desenvolvimento de habilidades para o uso de dispositivos móveis. Ainda em atenção ao objetivo específico 2, os entrevistados foram indagados na questão de número nove, a responder como enxergam a cobrança em relação ao uso de dispositivos móveis no trabalho.

O terceiro objetivo veio na tentativa de compreender a nomofobia a partir da influência do uso de dispositivos móveis na atividade laboral. Para iniciar essa análise, a pergunta proposta foi à quantidade de horas por dia que é usado o celular para informações de trabalho. A questão apresentou-se de maneira fechada com uma escala de 8h, 10h, 12h e acima de 14h. O número mais alto de respostas ficou com 12h (05) e acima de 14h (05); mostrando que é significativa a quantidade de tempo utilizado no dispositivo móvel para fins de trabalho.

A outra pergunta que também corresponde ao objetivo em questão foi a de número sete onde a indagação foi realizada para saber se os entrevistados sentem medo de ficar sem o celular ou dispositivo móvel, caracterizando assim a nomofobia. As respostas foram divididas da seguinte forma; 50% dos entrevistados disseram que sim e 50% declararam que não. Dos que responderam positivamente; 25% justificaram. Enquanto que os outros 25%; afirmam que sentem medo, todavia não apresentaram os motivos.

Integralizando, a busca para atingir o terceiro e o último objetivo específico listado neste tópico da pesquisa trata por investigar a percepção dos entrevistados diante da relação medo e dispositivos móveis no seu ambiente de trabalho. Levando em consideração os espaços coletivos onde estão presentes seus demais colegas da instituição.

O estudo atingiu o objetivo geral proposto, uma vez que foi possível compreender a percepção dos gestores a respeito da dependência do uso da tecnologia em instituições de ensino superior. A partir da entrevista aos coordenadores de curso em Natal e João Pessoa embasada numa pesquisa de natureza qualitativa.

Existe uma observação importante sobre a época da entrevista. Dias antes de sua aplicação, o país entrou em período de isolamento social, em virtude de uma pandemia que ainda se alastra pelo mundo. Com isso, foram tomadas as medidas

necessárias como forma de prevenção na propagação de um vírus que vem acometendo a população com a doença Covid-19.

O fato do isolamento social fez com que os coordenadores comesçassem a ressignificar seu trabalho em casa, que antes era dentro da universidade. A utilização do dispositivo móvel para fins corporativos ficou ainda mais intensa. Sendo percebida certa insegurança ou timidez em responder à entrevista por parte de alguns participantes, especialmente pelo fato do contexto contemporâneo afetar nos índices de desemprego.

No entanto, é relevante registrar que as limitações desta pesquisa se caracterizam por possibilitar que pesquisas futuras utilizem outras abordagens, dentre elas, a quantitativa em uma pesquisa englobando as demais instituições de ensino superior da rede; visando um panorama geral sobre a temática. Como limitação na pesquisa, pode-se considerar que a pandemia constituiu-se como algo inesperado e tornou-se uma influenciadora de perspectiva nas respostas dos entrevistados.

As implicações gerenciais e sociais desde pesquisa refletem de forma convergente em virtude da aproximação entre o ser social e o gestor, dificilmente segregado pelo perfil dos participantes da pesquisa.

Como recomendações de estudos futuros, envolver segurança da informação no cenário tecnológico, até abortando a temática da institucionalização de aplicativos sociais e hedônicos como uso funcional no trabalho.

Contudo, a presente pesquisa desejou contribuir na identificação do comportamento dos gestores entrevistados nas instituições de ensino superior. Visando transformar o ambiente organizacional em um espaço onde a qualidade da produção dos colaboradores não esteja comprometida.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Cristiano Nabuco de., YOUNG, Kimberly S. **Dependência de Internet: Manual e Guia de Avaliação e Tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BALSINI, C. P. V.; GODOI, C. K. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In: **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. cap. 3, p. 89-112. São Paulo, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Edições, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Edições, 2011.
- BARRETO, L. K.; et al. Cadê meu celular? uma análise da nomofobia no ambiente organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, v. 4, p. 634-635, 2017.
- BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BEAVIN, J. H., JACKSON, D. D., WATZLAWICK, P. **Pragmática da comunicação humana**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- BORGES, A. P.; JOIA, L. A. Executivos e smartphones: uma relação ambígua e paradoxal. **Revista O&S**, v. 20, n. 67, p. 585-602, 2013.
- BORGES, G. R.; et al. Um estudo preliminar dos fatores perceptivos subjacentes da preferência dos brasileiros por aparelhos celulares. **Revista Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 6, p. 255-269, 2016.
- BORGES, L.; PIGNATARO, T. **Nomofobia: uma síndrome do século XXI**: Natal. UFRN/Biblioteca Setorial do CCSA, 2015.
- BRAGAZZI, N. L.; PUENTE, G. D. **Aproposál for including nomophobia in the new DSM**. **Magazine Psychology Research and Behavior Management**, v.7, p.155-160, 2014.
- CARDOSO, A.; EGÍDIO, A.; SPEAR, A. L. **Nomofobia: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular?** São Paulo: Atheneu, 2014.
- CARVALHO, A. P. P de. **A integração das novas mídias sociais à comunicação interna das organizações**. DSPACE, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufrj.br/bitstream/handle/1884/42811/R%20-%20E%20-%20ANA%20PAULA%20PINTO%20DE%20CARVALHO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- CARVALHO, N. C. O. de. **Millennials: quem são e o que anseiam os jovens da geração**. Pantheon, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4865/1/Monografia%20-%20Nathalia%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2020.

CARDOSO, A; KING, A. L. S; NARDI, A. E; **Nomofobia: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone?** São Paulo: Atheneu, 2014.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. A era da inovação, economia, sociedade e Cultura. **Revista Atualizada Paz e Terra**, v. 5, n. 3, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO, M. F.; CORSO, K. B. **Propensão à nomofobia: um estudo experimental com alunos de administração da unipampa usuários de smartphones**. Santana do Livramento: Unipampa, 2017.

CLARO, J. A.; MENCONI, A. T.; LORETO, J. R. Consumo infantil: o telefone celular e a criança. **Revista RaUNP**, p. 21-31, 2013.

COHEN, J.; SCHMIDT, E.; **A nova era digital: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

CORDEIRO, H.T.D. **Perfis de carreira da geração Y**. Biblioteca Digital USP, São Paulo, 2012. Disponível em: file:///C:/Users/Convidado/Downloads/HelenaThalitaDanteCordeiro.pdf. Acesso em: 05 mai. 2020.

CORREIA, A.P.; YILDIRIM, C. Exploring the dimensions of nomophobia: Development and validation of a self-reported questionnaire. **Revista Computers in Human Behavior**, v. 49, p. 130-137, 2015.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

CUNHA, L. A. S. Fatores de prontidão e aceitação do consumidor para tecnologia em telefonia celular. **International Journal of Innovation**, v. 2, n.1, 2014.

CUNHA, M. R; SOUZA, K. N. Nomofobia: O vazio existencial. **Revista Psicologia**, v. 3, n. 1, p.12, 2017.

DORADO, C. B.; SOLARTE, M. G. **Efectos del miedo en los trabajadores y la organización**. Estudios Gerenciales, v. 138, n. 60, 2016.

DI FELICE, Massimo; LEMOS, Ronaldo. **A vida em rede**. São Paulo: Papyrus, 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Salvador: Penso, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCO, A. **Topologias de rede: cartas de rede social**. 2008. Disponível em: http://augustodefranco.locaweb.com.br/cartas_comments.php?id=249_0_2_0_C. Acesso em: 15 mar. 2020.

FREITAS, H.; MACHADO, C. B. Planejamento de iniciativas de adoção de tecnologias móveis. **Revista GEPROS**, v. 4, n. 1, p. 101-115, 2009.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. v. 35, n.2, p. 57-63, mar./abr., São Paulo, 1995.

GREENFIELD, D. As propriedades de dependência do uso de internet. In: **Dependencia de Internet**. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 169 - 190.

GUIZZO, E, M. **Internet, o que é, o que oferece, como conecta-se**. 1999. Disponível em:

https://books.google.com.br/books/about/Internet_o_que_%C3%A9_o_que_oferece_como_con.html?id=bzJ-AAAACAAJ&redir. Acesso em: 19 ago. 2018.

JARVENPAA, S.; LANG, K. Managing the paradoxes of mobile technology. **Information Systems Management**, v. 22, n. 4, p. 7-23, 2005.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**: as mídias tradicionais são passivas. As mídias são atuais participativas e interativas. Elas coexistem. E estão em rota de colisão. Bem-vindo à revolução do conhecimento. Bem-vindo a Cultura Da Convergência. Aleph, 2013.

JORDÃO, F. **História: a evolução do celular**. 2009. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/celular/historia-a-evolucao-do-celular.htm>. Acesso em: 15 mar. 2020.

KIM, J, H. Psychological, issues and problematic use of smartphone: ADHD's moderating role in the associations among loneliness, need for social assurance, need for immediate connection, and problematic use of smartphone. **Magazine Computers in Human Behavior**, v. 80, p. 390-398, 2018.

KRAJEWSKA-KUŁAK, E.; et al. Problematic mobile phone using among the Polish and Belarusian University students, a comparative study. **Magazine Progress in Health Sciences**, v. 2, n. 2, p. 45-50, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEE, Y. S.; et al. Changes in the Thickness of Median Nerves Due to Excessive Use of the Smartphones. **Journal of Physical Therapy Science**, v. 24, p. 1259-1262, 2012.

LÉGER, P. M. LEGOUX, R.; TAMS, S.; Smartphone withdrawal creates stress: A moderated mediation model of nomophobia, social threat, and phone withdrawal context. **Revista Computers in Human Behavior**, v. 81, p.1-9, 2018.

LEITE, R. J. L. . É possível sobreviver sem o celular? Uma revisão bibliográfica sobre o tema nomofobia. **Revista Espacios**, v. 2, n. 2, 2019.

LEMOS, A. **Cibercultura e mobilidade**: era da conexão. São Paulo: Atlas, 2005.

LEMOS, A. **Cidade Ciborgue**. Prelo, 2004.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 34. ed. São Paulo: Ltda, 2010.

LUHMANN, N. **A improbabilidade da Comunicação**. Lisboa: Passagens, 2001.

LYYTINEN, K.; YOO, Y. Issues and challenges in ubiquitous computing. **Journal Communication of the ACM**, v. 45, n. 2, p. 63-65, 2002.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAZIEIRO, M. B.; OLIVEIRA, L. A. Nomofobia: uma revisão bibliográfica. **Revista Unoesc & Ciência**. v. 3, p. 73-80, 2016.

MELO, G. A Nomofobia entre crianças e adolescentes. Risco psicossocial: investigação e boas práticas. **VII Congresso Internacional de Psicologia da Criança e do Adolescente**, Rio de Janeiro, 2016.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: HUCITEC, 2008.

Móvil-móvel, inconstante, volúvel. 2012. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/escolar/ingles/definicao/ingles-portugues/mobile.html>. Acesso em: 19 ago. 2018.

Nomofobia: O Transtorno da Web No Século XXI. Monografias Brasil Escola, 2016. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/comunicacao-marketing/nomofobia-transtorno-web-no-seculo-xxi.htm>. Acesso em: 19 ago. 2018.

OLIVEIRA, T. S. **Dependência do smartphone: um estudo da nomofobia na formação de futuros gestores**. UnP, 2018. Disponível em: https://www.unp.br/wp-content/uploads/2015/08/Disserta%C3%A7%C3%A3o_ThycianeSantosOliveira-.pdf. Acesso em: 15 mai. 2020.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Meridional, 2009.

SAAD CORRÊA, Elizabeth. Comunicação digital e novas mídias institucionais. In: **Históricos, fundamentos e processos**. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 317-335.

SBROGLIA, J. V. **Um estudo sobre a adoção de aplicativos móveis para a gestão da informação**. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/166747/TC>. Acesso: 15 mai. 2020.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: **uma teoria social da mídia**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

Transtorno de dependência de tela é real e danifica o cérebro. 2019. Disponível em: www.revistasaberesaude.com/transtorno-de-dependencia-de-tela-e-real-e-danifica-o-cerebro. Acesso em: 17 set. 2019.

UNHELKAR, B. **Mobile enterprise transition and management**: auerbach. USA: Publications Boston, 2009.

VERGARA, Sylvia. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2015.

VIACAVA, J. J. C. et al. Preciso mexer no celular: a influência do autocontrole e da depleção do ego no uso de smartphones. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 15, n. 1, p. 113-132, 2016.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A - CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Ilmo. Sr.
Prof.
Coordenador Geral de Pós-Graduação das instituições de ensino superior

1 - Com meus cordiais cumprimentos, sirvo-me do presente documento para solicitar autorização institucional para realização da pesquisa intitulada “**Dependência do uso de tecnologia: um estudo da nomofobia na atividade laboral de gestores de Instituições de Ensino Superior**”, a ser realizada com os coordenadores do Curso de Pós-Graduação de duas instituições de ensino superior das capitais do nordeste brasileiro, pela aluna do Mestrado Acadêmico em Administração da Universidade Potiguar - UNP/RN, **Lilliane Silva Cavalcanti Ataide**, sob orientação da **Profa. Dra. Laís Karla da Silva Barreto**, com o objetivo de compreender a percepção dos gestores a respeito da dependência do uso da tecnologia.

2 - Na oportunidade, ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo e que serão utilizados somente para realização desta pesquisa.

3 - Na certeza de poder contar com o honroso apoio desta coordenação, agradecemos antecipadamente e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Natal, 01 de abril de 2020.

Lilliane Silva Cavalcanti Ataide
Pesquisador (a) responsável

concordamos com a solicitação

Não concordamos com a solicitação

Coordenador Geral de Pós-Graduação

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Coordenador de Curso,

1 - Este é um convite para você participar de um estudo sobre dependência do uso de tecnologia: um estudo da nomofobia na atividade laboral de gestores de Instituições de Ensino Superior. O objetivo é compreender a percepção dos gestores a respeito da dependência do uso da tecnologia em instituições de ensino superior.

2 - Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais, não havendo divulgação de nenhum dado que lhe possa lhe identificar. As informações serão guardadas por um período de 05 anos, pela pesquisadora responsável, **Lilliane Silva Cavalcanti Ataide**, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Potiguar, orientada pela **Profa. Dra. Laís Karla da Silva Barreto**.

3 – Na oportunidade, agradeço a sua participação!

() Estou de acordo em participar da pesquisa

() Não estou de acordo em participar da pesquisa

Assinatura do entrevistado

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual o seu gênero?

- a) Masculino
- b) Feminino

2. Assinale a alternativa que contempla a sua idade.

- a) De 18 a 30 anos
- b) De 31 a 40 anos
- c) De 41 a 50 anos
- d) A partir de 51 anos

3. Há quanto tempo você atua na Instituição?

- a) Entre 02 a 05 anos
- b) Entre 05 a 07 anos
- c) Entre 07 e 10 anos
- d) Acima de 10 anos

4. Qual a quantidade de horas por dia, que você usa o celular para informações de trabalho?

- a) 08 horas
- b) 10 horas
- c) 12 horas
- d) Acima de 14

5. Qual a sua área de formação?

6. Durante a sua trajetória profissional, você participou de alguma formação com treinamento e desenvolvimento de habilidades para o uso de dispositivos móveis?

7. Você sente medo de ficar sem o celular ou dispositivo móvel?

8. Como você considera que a sua instituição forneça um suporte em relação ao uso de ferramentas digitais para dispositivos móveis?

9. Como você enxerga a cobrança institucional em relação ao uso de dispositivos móveis no ambiente de trabalho?

10. Qual a sua percepção diante da relação medo e dispositivos móveis no seu ambiente de trabalho, levando em consideração os espaços coletivos onde estão presentes seus colegas de instituição?

Obrigada!